

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Características relacionais, sexuais e o uso do preservativo:  
Diferenças entre relacionamento comprometido e não  
comprometido**

**Ana Beatriz Pedro Honório**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**2018**



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Características relacionais, sexuais e o uso do preservativo:  
Diferenças entre relacionamento comprometido e não  
comprometido**

**Ana Beatriz Pedro Honório**

Dissertação orientada pela Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria João Alvarez

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**2018**



## **Agradecimentos**

Com o fim de uma etapa, além da alegria e do sentimento de dever cumprido, surge o medo relativamente áquele que é um futuro desconhecido. “Não sei outra forma para dizer que não quero ver os meus pais partirem”. A verdade é que preciso que alguém “pare este comboio, quero sair e voltar para casa novamente porque não aguento a velocidade a que anda, eu sei que não aguento”. John Mayer

À Professora Doutora Maria João Alvarez, por ter ido além daquelas que eram as suas obrigações como orientadora perante as minhas falhas, atrasos e esquecimentos, por ter feito mais do que aquele que é o seu trabalho. Pela atenção aos pormenores, pela prontidão nas respostas, pelas correções, pelo enormíssimo conhecimento que tem, por aquele que me transmitiu e pelo conhecimento que eu consegui reter. Por poder dizer que termino este percurso com mais interesse pela investigação (e um pouco menos pelo SPSS) e que grande parte de mim sente um pequeno remorso pois poderia ter me divertido tanto mais a fazer isto. Um obrigada pela compreensão que teve comigo e com o ano atípico que tive.

À minha família pelo apoio que me dão, pelas viagens que fazem até Lisboa quando estou muito tempo sem ir a casa, pelas palavras de incentivo e de conforto que tão prontamente têm para me dar quando me apetece baixar os braços. Um obrigada por me darem sempre uma visão do futuro mais bonita do que aquela que tenho, obrigada por se rirem tanto comigo e por me deixarem ser uma pateta alegre junto deles. Por poder dizer que cresci entre gente boa que me ensinou coisas boas. Por me ensinarem que “quando tiver 68 vou renegociar” todas as dúvidas e receios que tenho agora.

Aos meus pais porque me amam incondicionalmente e porque acreditam em mim mais do que qualquer outra pessoa. Agradeço-lhes pelos anos de desentendimentos que acabaram por se tornar em paz, calma e muito amor. Porque nunca me faltou nada. Porque me ajudam a não ter medo do futuro e do facto de estar apenas a “uma geração de lutar pela vida sozinha”.

À minha mãe, pela música clássica que ouvia na barriga dela e que dançava ao colo, pelos jogos das rimas, por ter desistido de tanta coisa por mim, pelas viagens a Santarém e depois a

Lisboa, por ser a minha fiel companheira nas idas à missa e à catequese, por sempre me ter tentado proteger de tudo o que era sofrimento e por sofrer comigo quando este era inevitável.

Ao meu pai, pelas mensagens bonitas que envia, pela forma tímida de mostrar que me ama, pelo Pedro Abrunhos(o), pelas festas da aldeia, pela guitarra e pelo piano porque a vida é sempre tão melhor com música. Aos dois por me fazerem perceber que também eles “já tentaram” parar este comboio mas que “nunca o conseguiremos parar” e que “não devo, por um minuto que seja, mudar o sítio em que estou”.

À Leonor, a pessoa que eu mais amo na vida e que, por isso, me ensina o verdadeiro significado do amor, à minha eterna companheira de brincadeiras, gargalhadas e lágrimas. Um obrigada pelas tendas que montávamos na sala, pelas tardes passadas na piscina ou no sofá, pelas conversas que não precisam nem precisarão de ser pronunciadas e por todas as vezes que alinha nas mais idiotas ideias. Pela certeza de que não chegarei ao fim desta viagem sozinha.

À Marta por se ter tornado numa das melhores pessoas que levo da faculdade, por todo o apoio e ajuda que me dá, pelas trocas de conhecimento, por alinhar nas minhas tonteiras e pelos cafés a meio caminho que só eu bebo. À Inês, à Catarina e à Bia, pela ajuda incansável nestes últimos dias de trabalho. À Mimi e à Madalena por me deixarem completar aquele que é o melhor trio da vida airada, das conversas idiotas e das coisas sérias e responsáveis de pessoas adultas. Á Sandra que mesmo estando longe, se faz perto. Aos amigos que, quando “tenho medo de estar a envelhecer e só ser boa a ser jovem, brincam comigo aos números para descobrirmos uma forma de dizer que a vida está agora a começar”.

Aos que cruzam o meu caminho e diminuem este receio do futuro, das mudanças e de crescer sem saber o que me espera.

“De vez em quando, quando tudo for bom sentirei que é assim que deve ser. Ainda estão todos à minha volta, eu estou sã e salva e não sinto falta de nada”

Ao meu tio que me mostrou que é possível sorrir no pior sofrimento e que é tão mais bonito quando se aceita com serenidade o que a vida nos traz. Por aquele dia em que orgulhosamente disse à enfermeira “sim, a minha sobrinha estuda psicologia, já quase

psicóloga, na verdade!”. Porque encheu o meu ano de imprevistos e me faz, ainda hoje, ver que fico mais crescida por cada obstáculo que venço. Isto é para ti, já sou mesmo quase psicóloga, na verdade!





## Resumo

Os relacionamentos tomam cada vez formas mais variadas na vida dos adultos emergentes que continuam a envolver-se em relacionamentos mais sérios, mas que tentam igualmente adiar o compromisso, sem deixar de explorar a sua sexualidade. As taxas de uso do preservativo de estudos anteriores têm mostrado que o tipo de relação influencia o uso do preservativo e que o uso é insuficiente por características como a duração ou a perceção de risco. É importante, deste modo, conhecer as características relacionais que influenciam o uso do preservativo ou a escolha do método contraceutivo. O presente estudo teve como objetivos caracterizar o comportamento sexual de adultos emergentes; aceder ao autorrelato do uso do preservativo nos três tipos de relações sexuais (orais, vaginais e anais), através de perguntas diferentes para averiguar a consistência do mesmo; descrever a forma como os indivíduos caracterizam os relacionamentos em que se envolvem quanto às suas qualidades relacionais e sexuais; e averiguar o papel do género na relação entre tipos de relacionamento e características relacionais, sexuais e uso do preservativo. A recolha de dados foi feita junto de 262 participantes presencialmente e *online*. A amostra foi caracterizada com recurso a estatística descritiva e o efeito do tipo de relacionamento (comprometido e não comprometido) nas características relacionais, sexuais e uso de preservativo de acordo com o género foi analisado através de análise variância de medidas repetidas (ANOVA de medidas repetidas). Encontrou-se um maior número de relacionamentos comprometidos do que não comprometidos e a amostra iniciou a sua vida sexual, em média, aos 17 anos. A pílula foi o método contraceutivo mais utilizado seguindo-se o preservativo que, por sua vez, foi mais utilizado em relacionamentos não comprometidos e mais referenciado pelos homens, mostrando existir uma relação entre tipo de relacionamentos, uso do preservativo e género. Dois quintos da amostra referiram simultaneidade de relacionamentos, ainda que muitos participantes tenham considerado quer os seus relacionamentos comprometidos, quer não comprometidos como monogâmicos. Além da descrição da história sexual de adultos emergentes, destacam-se as qualidades relacionais e sexuais positivas, ligadas aos relacionamentos comprometidos e diferenças de género sendo que os homens consideram os relacionamentos não comprometidos como sexualmente mais satisfatórios.

**Palavras-chave:** relacionamentos comprometidos, relacionamentos não comprometidos, características relacionais, características sexuais, uso do preservativo.

## **Abstract**

The rates of condom use, as seen in previous studies, have shown that its use is insufficient and that the type of relationship influences condom use, for characteristics such as durability and risk perception. This way, it is important to understand which are the relationship characteristics that influence condom use or the contraceptive method of choice. The present study aims to: characterize sexual behaviour in emerging adults, assess condom use's self-report regarding three types of sexual relations (oral, vaginal and anal) through two different questions to guarantee the consistency level; try to relate the way individuals characterize their relationships according to its relational and sexual qualities; analyze the gender role in the correlation between types of relationships, relational characteristics, sexual characteristics and condom use. Data collection was achieved with the help of 262 participants, in person and online. After the sample description, with the aid of descriptive statistics, the type of relationship's (committed vs. non-committed) effect was analyzed together with the gender effect regarding relational and sexual characteristics and condom use, with the aid of the ANOVA of repetitive measures technique. The main results show that there are more committed than non-committed relationships and that the majority of the sample are already sexually active, being 17 the average age at which sexual life begins, confirming the relation between types of relationship, condom use and gender. The pill is the most popular contraceptive method, being followed by the condom which, in turn, is more used non-committed relationships and preferred by men. Two fifths of the sample affirm simultaneity and many participants consider both types of relationship as monogamic. Besides emerging adult's sexual history description, relational and sexual characteristics are highlighted for being positive and linked to committed relationships. Also men consider uncommitted relationships as more satisfying.

## Índice de Figuras

Figura 1. Uso do preservativo percebido nas relações sexuais vaginais .....	28
Figura 2. Relação sexual. Muito boa/Muito má .....	34
Figura 3. Relação sexual. Muito agradável/Muito desagradável .....	34
Figura 4. Relação sexual. Muito positiva/Muito negativa .....	34
Figura 5. Relação sexual. Qualidade total da relação .....	35
Figura 6. Relação sexual. Muito satisfatória/Muito insatisfatória .....	34
Figura 7. Relação sexual. Muito importante/Muito irrelevante .....	35

## Índice de Quadros

Quadro 1. Descrição da amostra .....	15
Quadro 2. Características da breve história sexual da amostra .....	19
Quadro 3. Descrição da amostra quanto ao uso de contraceptivos .....	20
Quadro 4. Relacionamentos comprometidos e não comprometidos, direcionalidade entre relacionamentos e relações sexuais numa única ocasião .....	20
Quadro 5. Parceiros sexuais no último ano e último mês, em relacionamento comprometido e não comprometido .....	22
Quadro 6. Simultaneidade de relacionamentos .....	23
Quadro 7. Monogamia emocional e sexual nos relacionamentos comprometidos e não comprometidos .....	23
Quadro 8. Percentagem de uso do preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento comprometido .....	24
Quadro 9. Percentagem de uso do preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento não comprometido .....	25
Quadro 10. Percentagem de uso do preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento comprometido por gênero .....	26
Quadro 11. Percentagem de uso do preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento não comprometido por gênero .....	27
Quadro 12. Médias e desvios-padrão da percepção da frequência do uso do preservativo em relações sexuais orais, vaginais e anais em relacionamentos comprometidos e não comprometidos por gênero .....	27
Quadro 13. Correlações entre percepção de uso do preservativo (Escala de Likert) e proporção de uso, em relacionamento comprometido .....	29
Quadro 14. Correlações entre percepção de uso de preservativo (Escala de Likert e proporção de uso, em relacionamento não comprometido .....	29
Quadro 15. Médias e desvios-padrão das características da relação num relacionamento comprometido e não comprometido .....	30
Quadro 16. Médias e desvios-padrão da qualidade da relação sexual num relacionamento comprometido e não comprometido .....	31
Quadro 17. Médias e desvios-padrão das características da relação num relacionamento comprometido e não comprometido em homens e mulheres .....	32
Quadro 18. Médias e desvios-padrão das características da relação num relacionamento comprometido e não comprometido .....	35

## **Índice de Anexos**

Anexo 1. Questionário “Variedade de Relacionamentos Sexuais e suas Características” (instrumento piloto).....	5
--	---

## **Introdução**

O período entre os 18 e os 30 anos é aquele em que o indivíduo já não se sente um adolescente, mas ainda não se sente um adulto, sendo este denominado de adulto emergente e caracterizado pelo propósito de terminar os estudos, entrar no mercado do trabalho, desenvolver-se como profissional e procurar a sua independência financeira (Arnett, 2000). Pela prioridade dada a estas tarefas, a disponibilidade do adulto emergente para se envolver num relacionamento com compromisso é menor, fazendo assim com que este adie o envolvimento em relacionamentos sérios (Arnett 2006). No entanto, este adiamento não implica que não se envolva em relacionamentos, pois continua a querer explorar a sua sexualidade e os relacionamentos sexuais casuais surgem como uma solução para conciliar esta exploração com as tarefas que considera prioritárias (Hamilton & Armstrong, 2009). Este tipo de relacionamentos tem vindo a aumentar (Weaver & Herold, 2000) também pelas mudanças sociais que tornam as atitudes e os comportamentos sexuais cada vez mais permissivos (Twenge, Sherman & Wells, 2015). Por oposição aos relacionamentos comprometidos que se caracterizam por ser mais estáveis e de longo prazo (Regan & Dreyer, 1999), os relacionamentos não comprometidos têm um significado muito mais complexo e podem variar na duração, compromisso (Weaver & Herold, 2000), frequência de encontros e proximidade entre os indivíduos (Claxton & Dulmen, 2013). Este é um tipo de relacionamentos em que mais de 50% de adultos emergentes se envolvem (Claxton & Dulmen, 2013).

Foram encontradas associações entre o contexto relacional, a sua duração, e o método contraceptivo usado pelo que, em relações mais longas, existe uma preferência pelo método hormonal em detrimento do preservativo (Manlove et al., 2011). Diversos estudos têm mostrado que as taxas de uso do preservativo são mais elevadas em relacionamentos não comprometidos (Fortenberry, Tu, Harezlak, Katz, & Orr 2002; Gebhardt, Kuyper, & Greunsven, 2003; Macaluso, Demand, Artz, & Hook, 2000), sendo que, as taxas de uso em relações novas diminuem após 21 dias de relacionamento (Fortenberry et al., 2002). No que diz respeito à obtenção de medidas de uso do preservativo, uma forma de verificar se estas são consistentes passa pela colocação de diferentes tipos de perguntas (Fonner, Kennedy, O'Reilly, & Sweat, 2014).

Com vista a contribuir para futuras intervenções para aumentar o uso do preservativo fomos conhecer as características relacionais (e.g., intimidade, confiança mútua, fidelidade presumida) em dois tipos de relacionamento (comprometido e não comprometido) e a sua

relação com o uso de preservativo. A necessidade de intimidade foi considerada prioritária em detrimento de preocupações com a saúde (Corbett et al., 2009) e a confiança no parceiro – fator que prevalece no desejo por intimidade e aproximação (Gebhardt et al., 2003), – como justificção para não usar o preservativo sistematicamente. O compromisso, por levar a uma percepção de risco mais baixa e pela menor probabilidade de envolvimento em relações sexuais extra relação tem também como consequência menor uso do preservativo (Castañeda, 2000). A simultaneidade pressupõe que um ou os dois parceiros de uma relação tenham outros parceiros sexuais enquanto mantêm atividade sexual com o parceiro “original” (Drumright, Gorbach, & Holmes, 2004) e a monogamia pressupõe que existe apenas o parceiro “original”. A necessidade de utilizar o preservativo parece variar relativamente à crença de que existe um menor risco de IST e VIH em relações monogâmicas, íntimas e longas (Macaluso et al., 2000), no entanto, muitos destes relacionamentos não são sexualmente monogâmicos, não sendo a percepção de monogamia uma boa estratégia de sexo seguro (Swan & Thompson, 2015). Relativamente à satisfação sexual o preservativo surge como diminuidor da satisfação sexual por causar desconforto físico (Mullinax et al., 2016). Na comparação entre relacionamentos, os níveis de satisfação sexual mostraram-se consideravelmente mais baixos em contexto de sexo casual do que em relacionamento comprometido (Mark, Garcia, & Fisher, 2015).

O presente estudo procurou assim caracterizar o comportamento sexual dos adultos emergentes; aceder ao autorrelato do uso do preservativo para três tipos de relação sexual (oral, vaginal e anal) e a consistência do mesmo; conhecer como são caracterizados os relacionamentos em que se envolvem (comprometidos ou não comprometidos) no que diz respeito à qualidade relacional e sexual; averiguar o papel que o género tem na relação entre o tipo de relacionamento, características relacionais, sexuais, e o uso do preservativo; e, por fim, o papel mediador de um conjunto de características relacionais e sexuais no uso do preservativo.

De modo a responder aos objetivos colocados recorreu-se a uma abordagem metodológica quantitativa, utilizando-se procedimentos estatísticos descritivos e inferenciais. A amostra foi descrita ao nível das características relacionais, comportamentos sexuais e uso de contraceção. O efeito do tipo de relacionamento nessas características foi analisado de acordo com o género, mediante estudos de análise de variância de medidas repetidas (ANOVA de medidas repetidas) e a averiguação da consistência de autorrelatos do uso do preservativo foi feita com recurso a um teste de correlação de Spearman.

Os dados foram recolhidos através de um questionário com o objetivo de conhecer a breve história sexual do participante, as características dos relacionamentos em que está ou já esteve envolvido e ainda o comportamento sexual, no que diz respeito ao uso do preservativo. O questionário foi respondido por 262 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos.

A presente dissertação é apresentada em quatro capítulos. O Capítulo I dedicado ao enquadramento teórico e no qual é apresentada a moldura conceptual do tema. O Capítulo II diz respeito ao método e nele se inclui a caracterização da amostra, a apresentação do instrumento usado neste estudo, a descrição dos procedimentos usados, bem como os procedimentos de análise. No capítulo III são apresentados e descritos os resultados. Por último, no Capítulo IV, referente à discussão e conclusão, os resultados são discutidos e apresentadas as limitações encontradas, tal como pistas para futuras investigações e as principais implicações do estudo.





## **Capítulo I- Enquadramento Teórico**

Em Portugal, no ano de 2016, foram registados por cada 100.000 habitantes 1.7 casos de Clamídia, 2.9 casos de Gonorreia e 0.6 casos de Hepatite B, existindo um maior número de casos nos intervalos de idade dos 20 aos 24 (para Clamídia) e dos 25 aos 34 anos (para Hepatite B) (European Centre for Disease Prevention and Control, 2018). Em Abril de 2017, foram registados 886 novos casos de infeção por VIH (num total de 57.574 até à data), o correspondente a uma taxa de 8.6 casos por 100.000 habitantes, valor que se encontra acima da média da EU/AEE que é de 5.9 por 100.000 habitantes (Direcção Geral de Saúde, 2018). Considera-se, no entanto, que o número de casos registados possa não corresponder à totalidade dos casos existentes. O Ministério da Saúde e a Direcção-Geral da Saúde referem a importância da promoção e do acesso aos preservativos masculinos e femininos, gel lubrificante e medicação pré e pós exposição ao VIH como forma de controlar estas infecções. No entanto, é importante não só promover e facilitar o acesso a métodos de proteção, mais especificamente ao preservativo, mas também compreender o que leva os indivíduos a quererem usar, a usarem de forma consistente e correta, e a manterem essa estratégia na transição para a vida adulta (Reece et al., 2010). Este estudo mostra-se particularmente importante no jovem adulto pois, considerando literatura anterior, as taxas de uso do preservativo nas últimas décadas mostraram que os esforços de saúde pública estão a ter o efeito pretendido, mas continuam a ser significativamente mais baixas no que diz respeito aos adultos emergentes (Reece et al., 2010).

### **Adulto emergente e relacionamentos casuais**

O conceito de adulto emergente diz respeito à fase de desenvolvimento situada entre os 18 e os 30 anos, um período em que o indivíduo já não se sente um adolescente, mas em que ainda não se identifica como um adulto (Arnett, 2000). São prioridades desta fase de vida o término dos estudos, a inserção no mercado de trabalho e um crescimento na área profissional, existindo uma grande preocupação com a carreira, tendo em vista uma vida independente, principalmente ao nível financeiro, para conseguir sair de casa dos pais (Arnett, 2000). Pela extrema exigência destas tarefas, o adulto emergente sente que não tem disponibilidade para se envolver num relacionamento que implique compromisso, adiando, assim, os relacionamentos mais sérios (Arnett, 2006).

O adiamento dos relacionamentos comprometidos não significa que o jovem adulto não se envolva em relacionamentos, pois ainda que não exista disponibilidade para um compromisso continua a existir uma vontade e necessidade de exploração e vivência da sua sexualidade. Como resposta a esta necessidade, sem descuidar as outras prioridades, surge como uma solução o envolvimento em relacionamentos sexuais casuais (Hamilton & Armstrong, 2009) que, por permitirem uma conciliação entre as tarefas prioritárias e a exploração sexual, são cada vez mais comuns (Weaver & Herold, 2000), aceites e encorajados pelo meio cultural envolvente (Wentland & Reissing, 2014).

É notório que as atitudes e os comportamentos sexuais se tornaram mais permissivos e com menos regras restritivas, sendo que, por norma, os indivíduos nascidos no início do século XX teriam um parceiro durante toda a vida, e para aqueles nascidos entre 1950 e 1990 a média situou-se entre três a quatro parceiros (Twenge et al., 2015). Pode assumir-se que esta mudança ocorreu provavelmente com o aumento do individualismo e pela alteração na forma como se tem vindo a encarar o sexo antes do casamento nos últimos 50 anos, tendo esta atitude atingindo a maior aceitação na última década (Twenge et al., 2015). Por outro lado, pode justificar-se esta mudança com os riscos e incertezas a nível social que caracterizam a vida dos adultos emergentes e que resultam no adiamento dos compromissos. Num estudo realizado nos Estados Unidos foi possível verificar que a idade do primeiro casamento e da primeira gravidez tem vindo a ser adiada cada vez mais (Garcia, Reiber, Massey, & Marriwether, 2012). Também na população portuguesa, a idade média do primeiro casamento passou de 26.9 para os homens e 24.8, para as mulheres em 1960, para 33.2 e 31.6 respetivamente, em 2017. No que diz respeito à idade média da mãe aquando do nascimento do primeiro filho seria 25 anos em 1960 e 30.3 em 2017 (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018). Schulman e Connolly (2013) sugerem que os indivíduos só começam a considerar envolver-se seriamente em relações de longo prazo quando se sentem confiantes com os seus planos de vida e com a coordenação entre os projetos e as aspirações próprias e do parceiro, tornando-se a ação de adiar uma relação a longo prazo como uma resposta calculada tendo em conta a realidade social e económica.

É comum, nos dias de hoje, revistas, livros, programas de televisão e músicas pop passarem a mensagem de que expressar amor fisicamente por um parceiro romântico e não marital é normal e desejado na vida adulta (Garcia et al., 2012; Gebhardt et al., 2003). Inclusive, entre a maioria dos grupos de adolescentes é esperado que se tenha um certo número de experiências sexuais antes do casamento (Gebhardt et al., 2003). Pesquisas neste âmbito documentam a existência de um padrão que reflete a mudança cultural que ocorre no

mundo ocidental relativamente aos relacionamentos sexuais casuais e que criam a necessidade de explicar a grande variedade da expressão sexual humana.

### **Tipos de Relacionamento**

Os relacionamentos comprometidos podem ser definidos como relações monogâmicas, estáveis e de longo prazo (Regan & Dreyer, 1999) em que os parceiros, podem viver juntos ou serem casados (Mark et al., 2015). Wentland e Reissing (2014) identificam os indivíduos como estando num relacionamento comprometido pelo nível de compromisso que estes sentem relativamente ao parceiro.

Relativamente aos relacionamentos não comprometidos, se, à primeira vista, este conceito parece relativamente simples de definir, caracterizando-se por encontros sexuais fora de uma relação comprometida (Claxton & Dulmen, 2013; Wentland & Reissing, 2011), o seu significado mostra-se mais complexo pois o conceito envolve múltiplos significados (Weaver & Herold, 2000), por exemplo casos de uma noite e amigos coloridos. É um conceito que não é, por isso mesmo, explicitamente definido na literatura, ou quando o é mostra ser operacionalizado de diferentes formas quer por participantes quer por investigadores (Paul, McManus & Hayes, 2000), tornando a interpretação de resultados difícil de generalizar (Wentland & Reissing, 2011).

O conceito de sexo casual engloba dois grandes constructos, um relacionado com o tempo e outro com o compromisso (Weaver & Herold, 2000). Já Claxton e Dulmen (2013) assumem duas dimensões distintas, o número de vezes em que ocorrem os encontros sexuais (uma única vez ou mais do que uma vez) e a proximidade entre os dois indivíduos antes e depois do encontro (desconhecidos, conhecidos ou amigos). Este é um tipo de relacionamento em que mais de 50% dos adultos emergentes se envolvem e que, por alguns deles integrarem aspetos mais tradicionalmente associados a relações comprometidas (partilhar informação pessoal, realizar atividades que não envolvam relações sexuais juntos), tornam a noção do que constitui um RSC tão desafiante (Claxton e Dulmen, 2013).

### **Uso do preservativo**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, s/d), o preservativo, quando utilizado de forma consistente e correta, serve como método de proteção contra o VIH e outras infeções sexualmente transmissíveis (IST) (Holmes, Levine, & Weaver 2004) e impede gravidezes indesejadas (Manlove et al., 2011). Segundo Pinkerton e Abramson (1997), estima-se que o

preservativo tenha uma percentagem de eficácia de 94%, considerando que indivíduos que o usam inconsistentemente têm 20 vezes mais probabilidade de ficarem infectados com VIH em contactos sexuais repetidos com um parceiro infectado. Holmes e colaboradores (2004), numa revisão de estudos publicados, identificaram provas de que o uso consistente está associado não só à redução da transmissão de VIH, mas também à redução da aquisição de infeções uretrais (nos homens), herpes-vírus simples-2 genital, sífilis, clamídia, gonorreia e infeção por tricomonas (nas mulheres), HPV (Papilomavírus Humano) cervical e peniano e HPV genital (nas mulheres). Estando a eficácia comprovada, Warner, Clay-Warner, Boles e Williamson (1998) propuseram-se avaliar a protecção ecológica oferecida pelo uso correto do preservativo, tendo em conta que, pelo menos 13% das vezes em que um preservativo foi utilizado, o uso resultou em exposição a riscos por problemas na sua utilização (e.g., rompimento) ou falhas no uso durante a relação (e.g., começar a atividade sexual sem proteção e só o colocar durante).

Relativamente ao autorrelato do uso do preservativo existem diversas medidas que têm vindo a melhorar em qualidade ao longo dos anos, com o aumento de estudos feitos nesta área e com as respetivas limitações e recomendações (Noar, Cole, & Carlyle, 2006). Algumas destas recomendações incluem solicitar o autorrelato do uso do preservativo relativamente a um período de tempo curto e específico (3 meses ou menos), ou, segundo Fonnere e colaboradores (2014) à última relação sexual, por ser assim mais fácil recordá-la sem viés. Ainda que, deste modo, apenas se meça o uso do preservativo numa única ocorrência, podendo assim não ser revelado o comportamento padrão do indivíduo. Algumas das sugestões envolvem especificar o tipo de relação que se tem com o parceiro (parceiro principal ou secundário, relacionamento com compromisso ou casual), o ato sexual (relações orais, vaginais ou anais) e clarificar bem o que se entende por relações sexuais. Esta última recomendação torna-se importante na medida em que quase metade dos participantes de um estudo de Alvarez e Nogueira (2008) consideraram como ter sexo tocar nos genitais do parceiro, ou este tocar nos seus, se atingido o orgasmo, o que pode levar a resultados distorcidos. Mais recentemente, de acordo com a revisão de Noar e colaboradores (2006) as medidas de frequência (através de escalas de Likert) têm sido as mais utilizadas, seguidas de medidas dicotómicas e, com uma menor percentagem de uso, medidas de proporção (número de relações protegidas e não protegidas). Tanto as medidas de frequência como as de proporção são boas medidas para averiguar a consistência do uso para se diferenciar os indivíduos que usam “sempre” dos que usam “na maioria das vezes”, “algumas vezes” ou “nunca”. Relativamente à validade das medidas ordinais, Fortenberry e colaboradores (2002)

chamaram à atenção para o facto de estas poderem classificar erradamente o uso, sendo que pessoas que utilizam o preservativo “quase sempre” poderão seleccionar a opção “sempre” por ser a que mais se aproxima, ainda que, induzindo os investigadores em erro. Uma forma de superar os obstáculos à obtenção de medidas consistentes poderá envolver a colocação de diferentes tipos de perguntas: relativas ao último encontro sexual, a um determinado período de tempo e utilizando um teste re-teste (Fonner et al., 2014), sendo que esta última estratégia diminuiu significativamente a quantidade de indivíduos com uso consistente graças às perguntas de *follow-up* (Lipovsek, Longfield & Buszin, 2010). Noar e colaboradores (2006) sugerem também que os participantes sejam questionados acerca do uso de outros métodos contraceptivos e que seja aplicada uma escala de desejabilidade social.

De acordo com um estudo feito com universitários portugueses, foi possível confirmar que continuam a aderir de uma forma insuficiente ao uso do preservativo, sendo esta adesão e uso inconsistente influenciados por “múltiplos preconceitos de imagem” e, mais do que isso, pelas circunstâncias envolventes (Cunha-Oliveira et al., 2009). Nesta amostra apenas 52.6% dos estudantes referiu utilizar o preservativo sempre, percentagem que se assemelha às médias encontradas noutros estudos, mas que realça, ainda assim, o facto de grande parte dos estudantes continuar a correr riscos. Números mais preocupantes, de uma investigação mais recente revelam que 67.4% afirmou não utilizar o preservativo consistentemente (Reis, Ramiro, Gaspar de Matos, & Diniz, 2012). Surgiram como razões principais para os estudantes universitários não utilizarem o preservativo (Cunha-Oliveira et al., 2009) a natureza impulsiva dos jovens, a estabilidade da relação, verificada também para casais comprometidos num estudo de Gebhardt e colaboradores (2003), o desconforto físico e psicológico, ser embaraçoso adquiri-los, não ser comum trazerem consigo um preservativo ou serem encontros sem programação prévia. Outras razões relacionam-se com o ser mais fácil considerar que a probabilidade de infeção não existe, que esta só “acontece aos outros” e a percepção de que os preservativos vendidos em máquinas têm menor qualidade (Visser, 2005). Adicionalmente, 9.5% dos estudantes utilizou como justificação o uso de contraceptivos orais (Cunha-Oliveira, et al., 2009), argumento igualmente encontrado noutras amostras de jovens (Gebhardt et al., 2003).

Relativamente à escolha de contraceptivos, Manlove e colaboradores (2011) procuraram averiguar a escolha do método contraceptivo usado pelos jovens adultos (18 aos 26 anos) no último encontro sexual, tendo obtido os seguintes resultados: 25.4% não usou nenhum, 25.8% utilizou apenas o preservativo, 25.8% apenas o método hormonal e 23% usou ambos os métodos. Num outro estudo com uma amostra de 25 mulheres em que oito estavam solteiras

(reportando atividade sexual com parceiros numa relação sem compromisso nos últimos 3 meses) e oito em novas relações (com um ano de duração ou menos tempo) foi possível verificar uma maior preocupação com gravidezes indesejadas do que com o risco de IST, revelando, assim, preferência por métodos hormonais em vez do preservativo (Mullinax et al., 2016).

Foram encontradas ligações entre o contexto da relação e o método usado, sendo que a duração das relações surgiu associada positivamente ao uso exclusivo do método hormonal (em vez de preservativo ou de ambos os métodos). Também Misovich, Fisher e Fisher (1997) encontraram um padrão de troca entre práticas sexuais seguras (com uso de preservativo) para práticas de exposição a risco (passando a usar apenas a pílula) quando a relação se tornava mais séria.

Havendo provas da associação entre a duração das relações e o método concecional escolhido (Manlove et al., 2011; Reis et al., 2012), levanta-se a questão de compreender qual é, então, a distância temporal que leva uma relação nova a tornar-se estabelecida e, deste modo, a descontinuar o uso do preservativo. Ao avaliar os diários nos quais um grupo de mulheres que frequentava uma clínica de IST registava a sua atividade sexual, a troca de parceiros e a frequência do uso do preservativo, foi possível aferir que as relações novas (em que 66% das relações sexuais eram protegidas) demoravam menos de um mês (21 dias) a tornarem-se relações “estabelecidas” no que dizia respeito ao uso do preservativo. Ou seja, após 21 dias, a taxa de relações novas protegidas passava de 66% para 43%. Mullinax e colaboradores (2016), por outro lado, não encontraram nenhum padrão específico para a descontinuação no uso do preservativo, verificaram antes um padrão de uso aleatório e esporádico que, posteriormente, conduz ao não uso. Adicionalmente, a descontinuação não surge de uma conversa com o parceiro que leve a essa decisão, é fruto da comunicação não verbal e das instâncias contextuais (como não terem acesso a um preservativo no momento) (Mullinax et al., 2016). Ainda assim, as elevadas taxas de uso do preservativo em relações sexuais onde não existe compromisso (em comparação com relações comprometidas) apoia a hipótese de que adultos emergentes têm mais comportamentos protegidos contra IST e gravidez quando em relações casuais (Corbett et al., 2009; Fortenberry et al., 2002; Gebhardt et al., 2003; Macaluso et al., 2000; Manlove, et al., 2011; Reece, et al., 2010). Na mesma linha de pensamento, mas visto pela perspectiva oposta, Castañeda (2000) obteve como resultados uma maior probabilidade de casais casados não terem usado preservativo nos últimos 3 meses, visto que quando uma relação se torna mais estável existe a sensação de se estar mais seguro. Pode então assumir-se que o contexto relacional e social, diferente para os dois tipos

de relações, afeta o significado de usar preservativo e influencia a decisão de o usar ou não usar (Castañeda, 2000), resultados corroborados por outros estudos (Fortenberry et al., 2002).

Em suma, o tipo de relações e a interação estabelecida entre parceiros tem um importante papel na decisão dos indivíduos em usar contraceptivos e manter o seu uso ao longo do tempo. Deste modo, é importante ter em conta outros fatores como as características relacionais (e.g., intimidade, confiança mútua, fidelidade presumida) (Fortenberry et al., 2002), as normas culturais e as crenças acerca do carácter monogâmico dos relacionamentos que podem mais frequentemente encorajar a utilização do preservativo em relações casuais e desencorajá-lo em relações regulares (Macaluso et al., 2000).

Coloca-se então a importância de conhecer as características de cada tipo de relacionamento e a sua relação com o maior ou menor uso do preservativo. Isto é, mais do que um foco nos números, taxas de uso e alguns constructos racionais é importante dar lugar a outras características psicológicas, pois as componentes afetivas e emocionais são indissociáveis da sexualidade. Mais do que considerar a relação sexual como uma troca de sensações eróticas, é importante ter em conta que esta envolve afetividade, partilha de sedução e de sensações que implicam a confiança e a auto-imagem (Cunha-Oliveira et al., 2009). A ponto de estes autores considerarem que os condicionantes psicológicos, relacionais, culturais, afetivos e situacionais que caracterizam a sexualidade no seu todo influenciam mais o uso da protecção sexual do que propriamente as condições de natureza sanitária preventiva.

### **Características relacionais**

Sternberg (1997), na sua Teoria Triangular do Amor, concebe o amor tendo em conta três componentes, vistas como os vértices do triângulo: intimidade, paixão e decisão. À luz desta teoria a intimidade refere-se a sentimentos de proximidade, conexão e bondade, sentimentos que dão origem à experiência de uma relação calorosa. Num estudo realizado com uma população de risco composta por indivíduos desfavorecidos e marginalizados socialmente, Corbett e colaboradores (2009) chegaram à conclusão de que, pelas características das pessoas, estas tinham um grande desejo de segurança, aceitação e amor recíproco. Deste modo, colocavam a necessidade de intimidade acima das preocupações com a saúde e com o risco de VIH e IST, sendo menos provável, por procurarem intimidade e quererem demonstrar amor através do sexo, utilizarem preservativo e considerarem o seu uso como uma condição inconsistente com o estabelecer e manter uma relação. Também no estudo de Cunha-Oliveira e colaboradores (2009), 56% dos estudantes universitários referiu a confiança no parceiro – fator que prevalece no desejo por intimidade e aproximação (Gebhardt et al., 2003), – como

justificação para não usar o preservativo sistematicamente, por se verificar uma diminuição na necessidade de praticarem sexo protegido, funcionando a falta de intimidade como potenciador do uso de preservativo em relações casuais (Gebhardt et al., 2003). Pesquisas anteriores, de acordo com Swan e Thompson (2015) têm-se focado maioritariamente nos aspetos da sexualidade como sendo apenas traduzidos num comportamento físico, ignorando que a sexualidade é em primeiro lugar um comportamento social. Contudo, para a maioria das pessoas, as necessidades emocionais que o sexo preenche (amor e sentimento de pertença) mostram-se os aspectos mais importantes. Ou seja, aliado ao desejo de prazer físico, encontra-se o desejo de viver intimidade física e emocional (Corbett et al., 2009).

Adicionalmente, relações consideradas pelos próprios indivíduos como íntimas eram aquelas onde se verificou mais comunicação, diminuindo a necessidade de procurar outros parceiros e existindo maior probabilidade de conversar com o parceiro acerca do VIH, dos riscos associados e de formas de proteção (Castañeda, 2000). No caso da comunicação sexual, para Castañeda (2000), esta foi a variável que mais fortemente se correlacionou com o uso do preservativo nos últimos 3 meses e que facilita, também, a capacidade para “dizer não” (Catania et al., 1989). Relativamente às diferenças de género, é muito mais crítico para os homens conversar sobre VIH quando se sentem comprometidos (Castañeda, 2000), por outro lado, ambos os géneros sugeriram que se mais mulheres iniciassem a conversa e pedissem para usar o preservativo a taxa de uso aumentaria (Visser, 2005).

O passar do tempo diminui então o risco percebido de IST, não só como resultado de extrapolação de experiências passadas imediatas (ou seja, na ausência de sinais de IST conclui-se que estas não estão presentes) (Fortenberry et al., 2002), mas também pelo aumento da intimidade e do sentimento de compromisso (Fortenberry et al., 2002; Manlove, et al., 2011), levando os adultos emergentes a renunciar ao uso de métodos contraceptivos de barreira, mais especificamente o preservativo, por terem uma perceção de risco de IST mais baixa. O compromisso traduz-se na decisão de que se ama o parceiro (a curto prazo) e no desejo de manter esse amor (a longo prazo) (Sternberg, 1997). Quando se verifica mais compromisso a probabilidade de os parceiros se envolverem em atividades sexuais extra relação é menor, logo os indivíduos têm uma perceção de risco de VIH mais baixa e, consequentemente utilizam menos o preservativo (Castañeda, 2000).

A simultaneidade pressupõe que um ou os dois parceiros de uma relação tenham outros parceiros sexuais enquanto mantêm atividade sexual com o parceiro “original” (Drumright et al., 2004), condição associada à transmissão de VIH e IST, ainda que pouca pesquisa tenha sido feita até à data para encontrar os fatores que se associam à concorrência sexual



(Riehlman, Wechsberg, Francis, Moore, & Morgan-Lopez, 2006). A simultaneidade pode ser dividida em quatro tipos: experimental, em que ambos os parceiros exploram a atividade sexual com mais do que uma pessoa no início da relação; recíproca, em que os dois decidem estar com pessoas extrarrelação; de separação, quando estão fisicamente separados; e de compensação, em que tentam compensar deficiências percebidas da relação (Drumright et al., 2004).

Num estudo feito por Swan e Thompson (2015) foi possível concluir que o contexto em que ocorre a infidelidade influencia o facto de esta ser considerada ou não uma quebra na monogamia. Indivíduos que reportavam um maior envolvimento emocional tinham mais probabilidade de catalogar a sua relação como monogâmica, mesmo depois de terem atividade sexual fora da relação. Deste modo, o envolvimento emocional e não apenas o sexual tem um papel importante na caracterização da relação como monogâmica. Este facto tem grandes implicações tendo em conta que a necessidade de utilizar o preservativo parece variar relativamente à crença de que existe um menor risco de IST e VIH em relações monogâmicas, íntimas e longas (Macaluso et al., 2000) e que a consideração errada de uma relação monogâmica leva ao uso inconsistente. Muitos estudantes universitários e homens homossexuais deixam de sentir a necessidade de utilizar o preservativo por acreditarem que estão seguros contra o VIH pela monogamia das suas relações, ainda que, muitas destas não sejam sexualmente monogâmicas e mesmo as que o são podem ser consideradas como relações monogâmicas em série. Num estudo de Riehlman e colaboradores (2006), 1/3 dos participantes reportou ter parceiros concorrentes sendo que apenas uma pequena minoria tinha contado ao parceiro. Numa outra amostra, 28% das adolescentes reportou ter parceiros secundários nos últimos dois meses, sendo que apenas uma média de 15% dessas mulheres utilizou preservativo com o parceiro secundário (Catania et al., 1989).

Relativamente às percepções acerca da infidelidade por parte do parceiro, Drumright e colaboradores (2004) sugerem que adultos emergentes não são capazes de reportar com correção o comportamento do parceiro. Esta dificuldade resulta em não usar o preservativo consistentemente por supor que o parceiro não tem outras relações ou em praticar uma simultaneidade reativa (ter parceiros concorrentes por considerar que o parceiro principal também mantém relações sexuais extra relação). Estes dados mostram que a monogamia não é uma boa estratégia de sexo seguro a não ser que os indivíduos que mantêm atividade sexual com parceiros secundários utilizem preservativo consistentemente (Swan & Thompson, 2015).

Ainda assim, abordar o tema do uso do preservativo ou alterar os comportamentos relativos ao uso do mesmo, tal como conversar sobre infidelidade, são situações que afetam negativamente a satisfação sexual com a relação (Castañeda, 2000). O próprio uso do preservativo surge, por 23 das 25 mulheres, de um estudo de Mullinax e colaboradores (2016), como diminuidor da satisfação sexual por causar desconforto físico (dor e secura) e por causar stress durante a relação (pela possibilidade de romper). Relativamente à componente sexual da relação, que leva à experiência de paixão (Sternberg, 1997), as motivações para o sexo (e.g., desejo sexual, experiência sexual, prazer físico [Regan & Dreyer, 1999]), juntamente com a importância dada ao sexo, influenciam o comportamento sexual dos indivíduos (e.g., número de parceiros, envolvimento em relações sexuais casuais e usar ou não o preservativo) (Gebhardt et al., 2003).

No que diz respeito aos tipos de relacionamentos casuais estes são considerados mais sexualmente do que emocionalmente satisfatórios, sendo que para os homens são mais satisfatórios sexual e emocionalmente do que para as mulheres (Mark et al., 2015). Na comparação entre tipos de relacionamento, os níveis de satisfação sexual mostraram-se consideravelmente mais baixos em contexto de sexo casual do que em relacionamento comprometido (Mark et al., 2015). Relativamente às mulheres, estas reportaram maior número de orgasmos e maior nível de satisfação sexual em relações comprometidas (Armstrong, Hamilton & England, 2010). Numa amostra de casais em relacionamento comprometido, os indivíduos que se mostraram mais satisfeitos com as características relacionais da sua relação como o amor, compromisso e comunicação, reportaram maior satisfação sexual.

Em suma, é possível encontrar ligações entre o contexto e as características da relação - intimidade, confiança, fidelidade presumida, satisfação sexual - e o método contraceptivo usado (Fortenberry et al., 2002; Manlove, et al., 2011). Devido a alterações nas atitudes sociais e políticas relativamente ao preservativo, à epidemiologia das IST e VIH e tendo em conta as mudanças ocorridas nos relacionamentos, surge a necessidade de aprofundar a relação entre tipos de relacionamento, características relacionais e sexuais e uso do preservativo entre os adultos emergentes.

## **O presente estudo**

Foram cinco os objetivos principais do presente estudo alguns de natureza descritiva e outros de natureza inferencial.

Primeiro, pretendeu caracterizar-se o comportamento sexual de adultos emergentes relativamente a terem ou não parceiro e em que tipo de relacionamento, já terem iniciado a sua vida sexual e em que idade, a escolha dos métodos contraceptivos, o número de parceiros (ao longo da vida, no último ano e no último mês) e a existência de monogamia/simultaneidade nos relacionamentos.

Pretendeu igualmente aceder-se ao autorrelato do uso do preservativo nos dois tipos de relacionamento e para os três tipos de relações sexuais (orais, vaginais e anais) de modo a verificar a consistência dos autorrelatos a partir de formas de averiguação diferentes.

Um terceiro objetivo relacionou-se com o conhecimento da forma como os indivíduos caracterizam os relacionamentos - comprometidos ou não comprometidos - em que se envolvem no que diz respeito às qualidades relacionais e sexuais.

Quisemos ainda averiguar o papel do género na relação entre tipos de relacionamento e características relacionais, sexuais e uso do preservativo.

E, por fim, propúnhamo-nos estudar o papel mediador de um conjunto de características relacionais e sexuais no uso do preservativo.



## Capítulo II- Método

### Participantes

A amostra deste estudo foi constituída por 262 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ( $M=21.70$ ,  $DP=3.66$ ), dos quais 177 do género feminino (67.8%).

Como requisitos para a participação no estudo considerou-se ter entre 18 e 35 anos (apenas seis participantes tinham mais de 30 anos) e falar a língua portuguesa como língua nativa. No Quadro 1 encontra-se a caracterização geral da amostra.

### Quadro 1

#### *Descrição da amostra (N= 262)*

Variáveis sociodemográficas	N	Participantes	%
Género	261		
		Feminino	177
		Masculino	83
		Outro	1
Estado civil	261		
		Solteir@	241
		Casad@	6
		União de facto	12
		Separad@	2
Etnia	256		
		Caucasiana	234
		Africana	7
		Hispanica	4
		Outra	11
Professa religião?	261		
		Sim	153
		Não	108
Qual?	153		
		Católica	145
		Protestante	3
		Ortodoxa	1
		Islâmica/Muçulmana	2
		Outra. Qual?	1
		Recusa	1
Habilitações Literárias	261		
		3º ciclo/9º ano (Antigo Curso Geral)	16
		Secundário/12º ano (Antigo Curso Complementar)	128
			49

	Até 3 anos de frequência no Ensino Superior ou Politécnico	76	29.1
	Curso superior (4 ou mais anos curriculares)	22	8.4
	Mestrado (incluindo mestrado integrado)	19	7.3
Orientação Sexual	260		
	Heterossexual	227	87.3
	Homossexual	15	5.8
	Bissexual	13	5
	Pansexual	5	1.9

### Instrumentos

Para a recolha de dados foi criado, para o efeito, o questionário “*Variedade de Relacionamentos Sexuais e suas Características*” (Anexo I), composto por quatro partes. Para obter os dados sociodemográficos da amostra solicitou-se aos participantes que indicassem a sua idade, género, estado civil, etnia, religião, habilitações literárias e orientação sexual. De seguida, foi-lhes pedido que respondessem a questões relativas a uma breve história sexual: indicando se tinham atualmente algum parceiro e em que tipo de relação, já ter tido relações sexuais, com que idade e com quem (e.g., só com homens, maioritariamente com homens), se utilizaram algum método contraceptivo e quantos parceiros tiveram em relacionamentos comprometidos e não comprometidos ao longo da vida, quantos destes passaram de comprometidos a não comprometidos e vice-versa, assim como relações sexuais em apenas uma ocasião. Os participantes foram também questionados acerca das características das relações em que se envolveram ou estavam envolvidos: monogamia, simultaneidade, intimidade, compromisso e satisfação sexual. As perguntas relativas ao comportamento sexual permitiram aceder ao autorrelato do uso do preservativo (nos dois tipos de relacionamento), sendo estas apresentadas em formatos diferentes para, posteriormente, se poder averiguar se o uso do preservativo era feito de forma correcta, se a forma como a pergunta era colocada influenciava a resposta e se as respostas dadas eram consistentes.

### Procedimentos

Os dados foram recolhidos *online* através da plataforma *Qualtrics* e presencialmente no Centro de Formação de Tomar e no Instituto Politécnico de Tomar.

Realizou-se um estudo piloto para averiguar a clareza das perguntas do questionário que contou com três fases, com preenchimento em papel e em formato *online*, diminuindo as

interpretações erróneas e as dúvidas de fase para fase. A primeira fase contou com a presença de cinco participantes, a segunda e a terceira com dois participantes, cada uma, de ambos os géneros. No geral, os participantes consideraram o questionário longo e pouco explícito no que dizia respeito às indicações dadas no início de cada bloco. Relativamente à primeira crítica, esta não pôde ser melhorada devido à quantidade de variáveis a ser estudadas. A segunda crítica, por sua vez, levou à alteração das respetivas indicações, tornando-as mais objetivas e concretas.

Após a aprovação do estudo pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, os participantes foram convidados a fazer parte do estudo voluntariamente, no centro de formação de Tomar, no Instituto Politécnico de Tomar e de forma *online*, recorrendo-se à divulgação do questionário na rede social *Facebook*. Do total de 262 questionários recolhidos, 161 foram preenchidos através da plataforma *Qualtrics online*.

Os participantes iniciaram o preenchimento do questionário, após aceitação do consentimento informado que incluiu uma breve descrição do objetivo da investigação, instruções para a participação, breve descrição das perguntas, motivos para participar, garantia de anonimato e confidencialidade. Foram também deixados contactos para colocar questões, pedir apoio e aceder aos resultados do estudo.

O preenchimento do questionário durou em média 20 minutos e a recolha de dados ocorreu entre dezembro de 2017 e maio de 2018.

### **Procedimentos de análise**

A análise dos resultados organizou-se em duas etapas. Numa primeira etapa, procurou descrever-se a amostra com recurso a estatística descritiva. Em termos globais a amostra foi descrita em termos de dados sociodemográficos, características relacionais, comportamentos sexuais e de contraceção. Posteriormente, os relacionamentos comprometidos e não comprometidos foram descritos quanto à sua frequência, apresentando-se também a respetiva distribuição nos indicadores referentes às características da relação, qualidade do sexo e uso do preservativo.

Na segunda parte da análise de dados, os indicadores referentes às características da relação, à qualidade do sexo e ao uso de preservativo foram comparados por tipo de relacionamento (comprometido e não comprometido) e analisada a sua interação com o género. Para esse fim, foram usados procedimentos estatísticos inferenciais com recurso à análise de variância de medidas repetidas (ANOVA de medidas repetidas), tomando como variáveis dependentes as características da relação, qualidade do sexo e a perceção do uso de preservativo em modelos

separados. Considerando a robustez do teste a violações de normalidade dos dados para amostras superiores a 30 casos (a distribuição das variáveis dependentes distinguiu-se significativamente da distribuição normal; Teste Kolmogorov-Smirnov,  $p < .05$ ) e o impacto irrelevante dos escassos *outliers* identificados, considerou-se a aplicação dos modelos de ANOVA de medidas repetidas adequada.

Procedeu-se ainda a estudos de associação entre frequência ou relatos percetivos, através de uma escala de Likert de 5 pontos entre 1-Nunca, 2-Raramente, 3-Às vezes, 4-Muitas vezes e 5-Sempre, e relato numérico, resultado da proporção de vezes em que não se usou preservativo face ao número total das relações sexuais (orais, vaginais ou anais) através do teste de correlação de Spearman, adequado para o estudo da associação entre variáveis de nível ordinal e intervalar, para averiguação da consistência dos autorrelatos.



## Capítulo III- Resultados

### Breve História Sexual

Questionados sobre se tinham atualmente um parceiro, 56.5% referiu que sim, dos quais 85% disse ser em relacionamento comprometido. Os dados recolhidos na amostra indicaram que 90.7% dos participantes já tinha tido algum tipo de relação sexual (oral, vaginal ou anal) e que a idade média da primeira relação sexual foram os 17 anos ( $M=17.20$ ,  $DP=3.66$ ). Verificou-se que o participante masculino que iniciou a sua vida sexual mais cedo o fez aos 13 anos e o participante que começou a ter relações sexuais mais tarde o fez aos 25 ( $M=16.78$ ,  $DP=1.90$ ), sendo as idades de 12 e 29 anos correspondentes ao género feminino, respetivamente ( $M=17.34$ ,  $DP=2.10$ ). Questionadas as participantes femininas sobre com quem tiveram relações sexuais, a maioria mencionou ter sido só com homens e no que se refere aos participantes masculinos, quase na sua totalidade referiram ter sido só com mulheres. Estes resultados podem ser observados no Quadro 2.

### Quadro 2

#### *Características da breve história sexual da amostra*

	<i>N</i>	Participantes	%
Tem actualmente algum parceir@?	260		
Sim		147	56.5
Não		113	43.5
Em relacionamento:	147		
Comprometido		125	85.0
Não Comprometido		22	15.0
Já teve relações sexuais? (oral, vaginal e/ou anal)	227		
Sim		235	90.7
Não		24	9.3
Com quem teve relações sexuais? (participantes femininas)	149		
Só com homens		130	87.2
Maioritariamente com homens		5	3.4
Com homens e mulheres		8	5.4
Maioritariamente com mulheres		1	.7
Só com mulheres		5	3.4
Com quem teve relações sexuais? (participantes masculinos)	73		
Só com homens		1	1.4
Maioritariamente com homens		3	4.1
Com homens e mulheres		2	2.7
Só com mulheres		67	91.8
Com quem teve relações sexuais? (outro)	1		
Com homens e mulheres		1	100.0

### Métodos contraceptivos

Os participantes foram questionados sobre o uso de métodos contraceptivos pelo próprio ou pelo/a parceiro/a, sendo que a maioria referiu usar. O contraceptivo mais utilizado foi a pílula, seguido do preservativo, retirada, contraceptivos hormonais e o DIU, conforme o Quadro 3.

#### Quadro 3

##### *Descrição da amostra quanto ao uso de contraceptivos*

	<i>N</i>	Participantes	%
Está a usar (ou a parceira) algum método contraceptivo?	240		
Não		56	23.3
Sim		178	74.2
Não sei		6	2.5
Qual?	231		
Retirada		9	3.4
Pílula		112	42.7
Contraceptivos hormonais (e.g., implante, anel)		8	3.1
Preservativo		100	38.2
DIU		2	0.8

### Descrição dos Relacionamentos

Os participantes foram também questionados sobre o número de pessoas com quem mantiveram relacionamentos: comprometidos, comprometidos que se tornaram não comprometidos, relacionamentos não comprometidos, relacionamentos não comprometidos que se tornaram relacionamentos comprometidos e relações sexuais em apenas uma ocasião. Houve mais participantes a relatar ter tido relacionamentos comprometidos ( $n=221$ ) do que não comprometidos ( $n = 155$ ), mas praticamente o mesmo número para relacionamentos comprometidos que passaram a não comprometidos e o inverso ( $n=89$ ,  $n=88$ ) respetivamente. Houve 129 participantes (73.8%) que relataram ter tido relações sexuais numa única ocasião (Quadro 4).

#### Quadro 4

##### *Relacionamentos comprometidos e não comprometidos, direcionalidade entre relacionamentos e relações sexuais numa única ocasião*

	<i>N</i>	Participantes		%
Com quantas pessoas manteve um relacionamento comprometido?	248	0	27	10.9

		1	86	34.7
		2	74	29.8
		3	50	20.2
		4	9	3.6
		5	2	.8
Com quantas pessoas manteve um relacionamento comprometido que se tornou num relacionamento não comprometido?	236	0	147	62.3
		1	55	23.3
		2	26	11.0
		3	5	2.1
		4	2	0.8
		5	1	0.4
Com quantas pessoas manteve um relacionamento não comprometido?	237	0	82	34.6
		1	60	25.3
		2	27	11.4
		3	18	7.6
		4	11	4.6
		≥ 5	25	10.5
		≥ 10	9	3.7
		≥ 20	5	2
Com quantas pessoas manteve um relacionamento não comprometido que se tornou num relacionamento comprometido?	235	0	147	62.6
		1	63	26.8
		2	22	9.4
		3	3	1.3
Com quantas pessoas teve relações sexuais orais, vaginais e/ou anais em apenas uma ocasião?	175	0	46	26.3
		1	61	34.9
		2	29	16.6
		3	16	9.1
		4	3	1.7
		≥ 5	15	8.5
		≥ 10	2	1.2
		≥ 20	3	1.8

Os participantes foram questionados quanto ao número de parceiros sexuais que tiveram no último ano e no último mês tanto para relacionamentos comprometidos como não comprometidos. Verificou-se, relativamente ao último ano, um maior número de participantes a relatar ter tido parceiros em relacionamentos comprometidos ( $n=155$ ) do que em relacionamentos não comprometidos ( $n=69$ ). No último mês os participantes relataram apenas

um parceiro em relacionamento comprometido ( $n=120$ ; 58.3%) e entre um ( $n= 34$ ; 17.7%) e dois ( $n=6$ ; 3.1%) parceiros em relacionamento não comprometido (Quadro 5).

#### Quadro 5

*Parceiros sexuais no último ano e último mês, em relacionamento comprometido e não comprometido*

	<i>N</i>	Participantes	%
Relacionamento Comprometido (RC)			
Quantos parceir@s sexuais teve no último ano?	206		
		0	52
		1	147
		2	8
Quantos parceir@s sexuais teve no último mês?	206		
		0	86
		1	120
Relacionamento Não Comprometido (RNC)			
Quantos parceir@s sexuais teve no último ano?	195		
		0	126
		1	39
		2	11
		3	7
		4	5
		5	4
		7	2
		8	1
Quantos parceir@s sexuais teve no último mês?	192		
		0	152
		1	34
		2	6

#### Simultaneidade

Averiguou-se também a simultaneidade de relacionamentos. As respostas mostraram que a maioria dos participantes relatou nunca ter tido relacionamentos simultâneos (18.7% já tiveram parceiros simultâneos entre 1 e 9 vezes, situando-se a maioria entre 1 e 2 vezes). Questionados sobre as razões que justificaram a simultaneidade de relacionamentos, quando ocorreu, 51.3% referiu “*Por prazer*”, 20.5% porque “*Ocorreu no início do relacionamento enquanto me envolvia em actividades sexuais com mais de um nov@ parceir@*”, seguido de 12.8% que mencionou que “*Concordámos ambos em ter outr@s parceir@s*”.

A frequência de simultaneidade de relacionamentos pode ser observada no Quadro 6.

## Quadro 6

### *Simultaneidade de relacionamentos*

	<i>N</i>	Participantes	%
Quantas vezes na sua vida teve dois ou mais relacionamentos (comprometido e/ou não comprometido) simultâneos, envolvendo ambos relações orais, vaginais e/ou anais	208		
	0	169	81.3
	1	20	9.6
	2	9	4.3
	3	4	1.9
	4	1	.5
	5	2	1.0
	6	1	.5
	8	1	.5
	9	1	.5

## **Monogamia**

Relativamente ao carácter monogâmico dos relacionamentos foi questionado aos participantes se consideravam a sua relação monogâmica. Nos relacionamentos comprometidos muito poucos participantes consideraram que a sua relação não era monogâmica emocional e sexualmente (7.6% e 6.5%, respetivamente), sendo estes valores nos homens de 10.5% e 8.8% e nas mulheres de 6.3% e 5.5%. Para os relacionamentos não comprometidos 37.2% referiu que a sua relação não foi emocionalmente monogâmica e 35.5% que não foi sexualmente monogâmica. Há um maior número de mulheres em relacionamento não comprometido a considerarem as suas relações emocional e sexualmente monogâmicas (47.7% e 57.8%) em comparação aos homens (34.5% e 48.3%). Para todos os tipos de monogamia, excetuando a monogamia sexual em relacionamentos comprometidos, houve uma maior percentagem de homens a responder que não sabia se a sua relação era ou não monogâmica, emocionalmente em RC 10.5%, emocionalmente em RNC 27.6% e sexualmente em RNC 13.8% em comparação com o género feminino (5.5%, 15.4% e 7.8%), conforme Quadro 7.

## Quadro 7

### *Monogamia emocional e sexual nos relacionamentos comprometidos e não comprometidos*

Participantes (%)
-------------------

		Sim	Não sei	Não	N
RC					
Diria que a sua relação com parceiro foi emocionalmente monogâmica?	Mulher	112 (88.2)	7 (5.5)	8 (6.3)	127
	Homem	45 (78.9)	6 (10.5)	6 (10.5)	57
	Total	157 (85.3)	13 (7.1)	14 (7.6)	184
Diria que a sua relação com parceiro foi sexualmente monogâmica?	Mulher	116 (90.6)	5 (3.9)	7 (5.5)	128
	Homem	50 (87.7)	2 (3.5)	5 (8.8)	57
	Total	166 (89.7)	7 (3.8)	12 (6.5)	185
RNC					
Diria que a sua relação com parceiro foi emocionalmente monogâmica?	Mulher	31 (47.7)	10 (15.4)	24 (36.9)	65
	Homem	10 (34.5)	8 (27.6)	11 (37.9)	29
	Total	41 (43.6)	18 (19.1)	35 (37.2)	94
Diria que a sua relação com parceiro foi sexualmente monogâmica?	Mulher	37 (57.8)	5 (7.8)	22 (34.4)	64
	Homem	14 (48.3)	4 (13.8)	11 (37.9)	29
	Total	51 (54.8)	9 (9.7)	33 (35.5)	93

## Uso do Preservativo

Determinou-se a percentagem de uso do preservativo durante o último mês (em relações oral, vaginal, anal), a partir da proporção entre número de relações sexuais e ausência do uso do preservativo, em relacionamento comprometido.

Os resultados indicaram que 80.4% dos participantes não usou preservativo em relação sexual oral, 44.3% não utilizou preservativo em relação sexual vaginal e 47.6% não usou em relação sexual anal.

Relativamente ao uso consistente, proporção de 100% de uso, não foi referido por mais de 1/3 dos indivíduos, sendo essa proporção menor no que respeita ao uso de preservativo em relação sexual oral (Quadro 8).

## Quadro 8

*Percentagem de uso de preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento comprometido*

	Oral		Vaginal		Anal	
Proporção de uso do preservativo (%)	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
0	74	80.4	47	44.3	10	47.6
1-25	-	-	3	2.7	2	9.5
26-50	2	2.2	8	7.5	1	4.8
51-75	2	2.2	4	3.8	1	4.8
76-99	1	1.1	5	4.5	-	-
100	13	14.1	39	36.8	7	33.3
Total	92	100	106	100	21	100

Relativamente aos participantes em relacionamento não comprometido, os resultados mostraram que 63.3% dos participantes não usou preservativo em relação sexual oral, seguido de 38.7% que não utilizou preservativo em relação sexual vaginal e de 50% que não usou em relação sexual anal.

Relativamente ao uso consistente, proporção de 100% de uso, não foi referido por mais de 1/3 dos indivíduos nas relações sexuais orais e anais, sendo essa proporção maior ao que respeita ao uso de preservativo em relação sexual vaginal (Quadro 9).

#### Quadro 9

*Percentagem de uso de preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento não comprometido*

	Oral		Vaginal		Anal	
Proporção de uso do preservativo (%)	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
0	19	63.3	12	38.7	3	50
1-25	1	3.3	-	-	-	-
26-50	1	3.3	-	-	-	-
51-75	1	3.3	-	-	1	16.7
76-99	1	3.3	-	-	-	-
100	7	23.3	19	61.3	2	33.3
Total	30	100	31	100	6	100

Observando as diferenças nas práticas sexuais por género, os resultados indicaram que 79.7% dos participantes femininos não usou preservativo em relação sexual oral, seguido de 42.7% que refere não ter utilizado preservativo em relação sexual vaginal e de 54.5% que não usou em relação sexual anal (Quadro 10).

No que se refere aos participantes masculino, observou-se que 81.5% referiu não ter usado preservativo em qualquer relação oral, seguido de 46.7% que referiu não ter utilizado preservativo em relação sexual vaginal e de 40% que não usou em nenhuma das relações sexuais anais (Quadro 10).

Em relacionamento comprometido as participantes femininas obtiveram como resultados para o uso consistente 14.1% na relação sexual oral, 37.5% na relação sexual vaginal e 18.2% na relação sexual anal, enquanto os participantes masculinos referiram um uso consistente de 14.8%, 36.7% e 50% para as relações sexuais respectivas (Quadro 10).

#### Quadro 10

##### *Porcentagem de uso de preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento comprometido, por gênero*

		Oral		Vaginal		Anal	
Proporção de uso preservativo (%)		N	%	N	%	N	%
Feminino	0	51	79.7	32	42.7	6	54.5
	1-25	-	-	2	2.6	2	18.2
	26-50	1	1.6	5	6.7	1	9.1
	51-75	2	3.2	4	5.3	-	-
	76-99	1	1.6	4	5.2	-	-
	100	9	14.1	28	37.5	2	18.2
	Total	64	100	75	100	11	100
Masculino	0	22	81.5	14	46.7	4	40
	1-25	-	-	1	3.3	-	-
	26-50	1	3.7	3	10	-	-
	51-99	-	-	1	3.3	1	10
	100	4	14.8	11	36.7	5	50
	Total	27	100	30	100	10	100

No que disse respeito aos relacionamentos não comprometidos, os resultados indicaram que 78.9% dos participantes femininos não usou preservativo em relação sexual oral, seguido de 52.4% que referiu não ter utilizado preservativo em nenhuma relação sexual vaginal e de 66.7% que não usou em qualquer relação sexual anal (Quadro 11).

No que se refere aos participantes masculinos, observou-se que 36.4% referiu não ter usado preservativo em qualquer relação sexual oral, seguido de 10% que referiu não ter utilizado preservativo em relação sexual vaginal e de 33.3% que não usou em nenhuma das relações sexuais anais (Quadro 11).

Em relacionamento não comprometido as participantes femininas obtiveram como resultados para o uso consistente 10.5% na relação sexual oral, 47.6% na relação sexual



vaginal e 33.3% na relação sexual anal, enquanto os participantes masculinos referiram um uso consistente de 45.5%, 90% e 33.3% para as relações sexuais respectivas (Quadro 11).

#### Quadro 11

*Percentagem de uso de preservativo nas relações sexuais no último mês em relacionamento não comprometido, por gênero*

		Oral		Vaginal		Anal	
Proporção de uso preservativo (%)		N	%	N	%	N	%
Feminino	0	15	78.9	11	52.4	2	66.7
	1-25	1	5.3	-	-	-	-
	26-50	1	5.3	-	-	-	-
	51-75	-	-	-	-	-	-
	76-99	-	-	-	-	-	-
	100%	2	10.5	10	47.6	1	33.3
	Total	19	100	21	100	3	100
Masculino	0	4	36.4	1	10	1	33.3
	1-25	-	-	-	-	-	-
	26-50	-	-	-	-	-	-
	51-75	1	9.1	-	-	1	33.3
	76-99	1	9.1	-	-	-	-
	100	5	45.5	9	90	1	33.3
	Total	11	100	10	100	3	100

#### Relação entre o Uso de Preservativo e Gênero

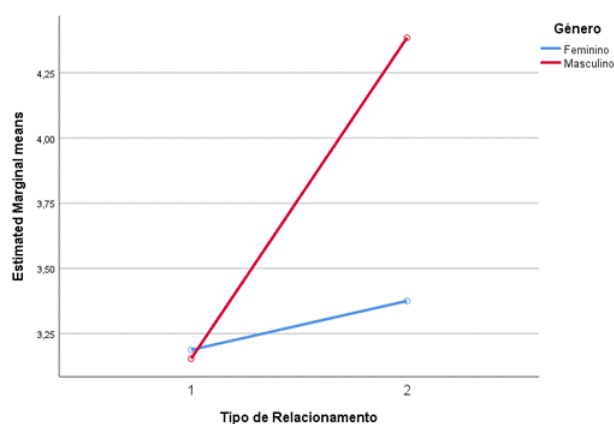
Observou-se que, em geral o uso de preservativo foi mais frequente nas relações sexuais em relacionamentos não comprometidos. Efetivamente, o efeito principal do tipo de relacionamento mostrou-se estatisticamente significativo para a percepção da frequência do uso de preservativo em relações orais  $F(1, 28) = 5.61, p = .025, \eta^2_P = .17$  e vaginais  $F(1, 28) = 7.99, p = .009, \eta^2_P = .23$ ), não tendo sido contudo estatisticamente significativo na percepção da frequência do uso de preservativo em relações anais, em que a frequência percebida foi igualmente elevada entre relacionamentos comprometidos e não comprometidos, conforme Quadro 12.

#### Quadro 12

*Médias e desvios-padrão da percepção da frequência do uso do preservativo em relações sexuais orais, vaginais e anais em relacionamentos comprometidos e não comprometidos por gênero*

		<i>M (DP)</i>		
		Homem	Mulher	Total
Relações orais	RC	2.36 (1.55)	1.62(1.36)	1.97(1.47)
	RNC	2.71(1.73)	2.31(1.78)	2.50(1.73)
Relações vaginais	RC	3.15(1.72)	3.19(1.56)	3.17(1.60)
	RNC	4.38(1.12)	3.38(1.54)	3.83(1.44)
Relações anais	RC	3.70(1.49)	3.10(1.92)	3.40(1.70)
	RNC	4.40(0.97)	3.70(0.89)	4.05(1.50)

Constatou-se ainda que o efeito do tipo de relacionamento no uso do preservativo mostrou-se diferente entre homens e mulheres para as relações sexuais vaginais,  $F(1, 27) = 4.32$ ,  $p = .047$ ,  $\eta^2_P = .14$ , sendo referido como mais utilizado pelos homens nos relacionamentos não comprometidos (Fig. 1).



**Figura 1.** Uso de preservativo percebido nas relações sexuais vaginais.

*Nota.* Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

### Consistência nas Percepções do Uso do Preservativo no Último Mês

Para os participantes em relacionamento comprometido verificou-se a existência de correlações estatisticamente positivas e fortemente associadas entre o relato perceptivo e numérico no uso de preservativos, tanto nas relações sexuais vaginais ( $r_s = .936, p < .001$ ) como nas relações sexuais anais ( $r_s = 1.000, p < .001$ ), conforme o Quadro 13. A associação foi menos forte, mas ainda assim muito significativa, ao nível das relações sexuais orais ( $r_s = .629, p < .001$ ).

#### Quadro 13

*Correlações entre percepção de uso de preservativo (Escala de Likert) e proporção de uso, em relacionamento comprometido (N=161)*

		Percepção da frequência do uso do preservativo nas relações sexuais orais	Percepção da frequência do uso do preservativo nas relações sexuais vaginais	Percepção da frequência do uso do preservativo nas relações sexuais anais
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais orais	Coefficiente de Correlação	.629	-	-
	Sig. (2 extremidades)	0.000	-	-
	N	45	-	-
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais vaginais	Coefficiente de Correlação	-	.936	-
	Sig. (2 extremidades)	-	0.000	-
	N	-	48	-
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais anais	Coefficiente de Correlação	-	-	1.000
	Sig. (2 extremidades)	-	-	-
	N	-	-	9

No que se refere aos relacionamentos não comprometidos, os dados mostraram existir uma correlação positiva entre a percepção de uso e a proporção de uso nas relações sexuais vaginais ( $r_s = .854, p < .001$ ), conforme Quadro 14. A associação não teve relevância estatística no caso das relações sexuais orais e anais.

#### Quadro 14

*Correlações entre percepção de uso de preservativo (Escala de Likert) e proporção de uso em relacionamento não comprometido (N=161)*

		Percepção da frequência do uso		
		Relações sexuais orais	Relações sexuais vaginais	Relações sexuais anais
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais orais	Coeficiente de Correlação	0.110	-	-
	Sig. (2 extremidades)	0.697	-	-
	N	15	-	-
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais vaginais	Coeficiente de Correlação	-	.854	-
	Sig. (2 extremidades)	-	0.000	-
	N		13	-
Proporção do uso de preservativo nas relações sexuais anais	Coeficiente de Correlação	-	-	1.000
	Sig. (2 extremidades)	-	-	-
	N	-	-	2

## Características dos Relacionamentos

### Características Relacionais

Foi solicitado aos participantes que caracterizassem os relacionamentos comprometidos ou não comprometidos, referindo-se ao parceiro atual ou ao último (caso tivessem estado já nos dois tipos de relacionamento). Verificou-se para os relacionamentos comprometidos que todas as características avaliadas, relaxamento, comprometimento, confiança, paixão, comunicação aberta e honesta, partilha de objetivos pessoais, revelação de aspetos íntimos, satisfação com a frequência das relações sexuais e satisfação global com a relação, obtiveram valores médios acima de 4 conforme o Quadro 15. As características acima referidas estão ordenadas no sentido decrescente das médias obtidas sendo que a característica de relaxamento foi a que obteve valores mais elevados e a satisfação global valores mais baixos.

No que se refere aos relacionamentos não comprometidos, os resultados observados indicaram valores acima de 3 para as características confiança, satisfação global, revelação de aspetos íntimos, relaxamento, comunicação aberta e honesta, satisfação com a frequência de relações sexuais e valores ligeiramente mais baixos (acima de 2) para as características de comprometimento, paixão e partilha de objetivos pessoais, conforme o Quadro 15.

### Quadro 15

*Médias e desvios-padrão das características da relação num relacionamento comprometido e não comprometido*

		Comprometimento	Confiança	Satisfação global	Paixão	Revelação de aspectos íntimos	Relaxamento	Partilha de objetivos pessoais	Comunicação aberta e honesta	Satisfação com a frequência das relações sexuais
RC	<i>N</i>	184	185	184	185	185	185	184	185	185
	<i>M</i>	4.53	4.48	4.16	4.44	4.37	4.54	4.39	4.44	4.18
	<i>DP</i>	0.80	0.75	0.90	0.88	0.86	0.68	0.94	0.82	1.01
RNC	<i>N</i>	84	83	83	83	81	83	82	82	83
	<i>M</i>	2.74	3.33	3.37	2.67	3.15	3.49	2.99	3.66	3.41
	<i>DP</i>	1.53	1.33	1.23	1.39	1.45	1.26	1.47	1.41	1.40

*Nota: todas as características da relação foram avaliadas numa escala de 1 a 5, em que valores mais elevados indicaram avaliações mais positivas.*

### Qualidade do Relacionamento Sexual

Os participantes foram questionados sobre a qualidade do sexo, tanto quando numa relação comprometida como em não comprometida. Relativamente à escala usada, esta segue o sentido de que quanto mais baixo o valor maior a valorização da dimensão em análise (eg. 1=muito boa; 7=muito má). De acordo com os resultados observados, verificou-se nos relacionamentos comprometidos valores acima da média para as características avaliadas em que os participantes sentiram a qualidade da relação sexual moderadamente alta para as características: agradável, positiva, importante, boa e satisfatória (Quadro 16).

No que se refere aos relacionamentos não comprometidos, os resultados observados indicaram valores, também eles acima da média, considerando a qualidade do sexo como moderadamente alta para as características: satisfatória, positiva, boa e agradável, apresentando, contudo, valores médios mais baixos para as características da relação sexual face aos participantes em relacionamento comprometido; a característica importância apresenta valores mais baixos que as restantes, conforme Quadro 16.

#### Quadro 16

*Médias e desvios-padrão da qualidade da relação sexual num relacionamento comprometido e não comprometido*

		Boa	Agradável	Positiva	Satisfatória	Importante
RC	<i>N</i>	139	129	128	140	126

	<i>Média</i>	2.48	2.37	2.39	2.51	2.43
	<i>Desvio Padrão</i>	1.75	1.65	1.57	1.67	1.80
	<i>N</i>	78	75	73	74	74
RNC	<i>Média</i>	2.73	2.64	2.90	2.95	3.50
	<i>Desvio Padrão</i>	1.73	1.63	1.66	1.70	2.14

*Nota: todas as características da relação foram avaliadas numa escala de 1 a 7, em que valores mais elevados indicaram avaliações mais negativas.*

### **Características Relacionais entre Tipo de Relacionamento e Género**

Relativamente às características da relação, incluindo a monogamia emocional e sexual, os resultados indicaram a existência de diferenças no nível de comprometimento nos dois relacionamentos (comprometidos e não comprometidos),  $F(1, 69) = 61.64, p < .001, \eta^2_P = .47$ , no nível de confiança  $F(1, 69) = 42.49, p < .001, \eta^2_P = .38$ , de satisfação global com o relacionamento,  $F(1, 69) = 4.38, p < .05, \eta^2_P = .06$ , de paixão,  $F(1, 69) = 59.34, p < .001, \eta^2_P = .46$ , de revelação de aspetos íntimos,  $F(1, 68) = 25.28, p < .001, \eta^2_P = .27$ , de relaxamento,  $F(1, 69) = 33.2, p < .001, \eta^2_P = .33$ , de partilha de objetivos pessoais,  $F(1, 68) = 30.09, p < .001, \eta^2_P = .31$ , de comunicação aberta e honesta,  $F(1, 68) = 8.21, p < .05, \eta^2_P = .11$ , de satisfação com a frequência das relações sexuais,  $F(1, 69) = 10.86, p < .05, \eta^2_P = .14$  e de monogamia emocional,  $F(1, 79) = 35.99, p < .001, \eta^2_P = .31$  e sexual,  $F(1, 79) = 34.92, p < .001, \eta^2_P = .31$ . Ao nível da avaliação total da relação (média das pontuações das nove características relacionais) verificam-se também diferenças significativas entre os dois relacionamentos (comprometidos e não comprometidos),  $F(1, 69) = 47.95, p < .001, \eta^2_P = .41$  (Quadro 17).

Para nenhuma destas características relacionais, incluindo a avaliação total, se encontrou uma interação com o sexo dos participantes nos dois tipos relacionamentos. No Quadro 17 encontram-se as médias e desvio-padrão nas características relacionais para homens e mulheres.

#### **Quadro 17**

*Médias e desvios-padrão das características dos relacionamentos comprometidos e não comprometidos em homens e mulheres*

<i>M (DP)</i>			
	Homem	Mulher	Total

Comprometimento	RC	4.29 (1.06)	4.40 (.86)	4.37 (.91)
	RNC	2.81 (1.53)	2.76 (1.59)	2.77 (1.56)
Confiança	RC	4.18 (.91)	4.43 (.82)	4.35 (.85)
	RNC	3.27 (1.24)	3.29 (1.40)	3.28 (1.34)
Satisfação global	RC	3.86 (1.25)	3.88 (.90)	3.87 (1.01)
	RNC	3.82 (.96)	3.20 (1.29)	3.39 (1.22)
Paixão	RC	3.91 (1.34)	4.35 (.86)	4.21 (1.04)
	RNC	2.32 (1.25)	2.86 (1.44)	2.69 (1.40)
Revelação de aspectos íntimos	RC	4.24 (.77)	4.33 (.85)	4.30 (.82)
	RNC	3.29 (1.45)	3.06 (1.48)	3.13 (1.46)
Relaxamento	RC	4.55 (.67)	4.39 (.84)	4.44 (.79)
	RNC	3.50 (1.3)	3.35 (1.32)	3.39 (1.30)
Partilha de objectivos pessoais	RC	4.05 (1.17)	4.31 (1.06)	4.23 (1.09)
	RNC	3.05 (1.36)	3.00 (1.53)	3.01 (1.47)
Comunicação aberta e honesta	RC	4.33 (.91)	4.16 (.97)	4.21 (.95)
	RNC	3.67 (1.46)	3.59 (1.49)	3.61 (1.47)
Satisfação com a frequência de relações sexuais	RC	4.23 (1.23)	3.98 (1.18)	4.06 (1.19)
	RNC	3.36 (1.32)	3.35 (1.49)	3.35 (1.44)
Total das características	RC	4.18 (.725)	4.26 (.65)	4.24 (.67)

*Nota: todas as características da relação foram avaliadas numa escala de 1 a 5, em que valores mais elevados indicaram avaliações mais positivas.*

### **Qualidade do Relacionamento Sexual entre Tipo de Relacionamento e Género**

Procurou identificar-se a existência de diferenças nos dois relacionamentos na qualidade do sexo e sua relação com o género. Os resultados observados indicaram efeitos de interação para a maioria das características sobre a qualidade sexual dos relacionamentos e o sexo dos participantes, nos dois relacionamentos (comprometido e não comprometido). A saber, muito boa/muito má,  $F(1, 54) = 7.45$ ,  $p = .009$ ,  $\eta^2_{\text{P}} = .12$ , sendo que as homens consideraram pior a relação sexual no relacionamento comprometido e as mulheres no relacionamento não comprometido (Fig. 2); a mesma tendência verificou-se quanto às dimensões agradável/muito desagradável,  $F(1, 48) = 4.53$ ,  $p < .05$ ,  $\eta^2_{\text{P}} = .09$  (Fig. 3) e muito positiva/muito negativa,  $F(1,$

46) = 4.71,  $p < .05$ ,  $\eta^2_P = .09$  (Fig. 4). A interação entre o tipo de relacionamento e sexo foi também significativa no que concerne à qualidade total das relações sexuais (média das pontuações das dimensões consideradas),  $F(1, 61) = 5.59$ ,  $p < .05$ ,  $\eta^2_P = .08$ . (Fig. 5).

Não foram detetados efeitos estatisticamente significativos quando à dimensão da satisfação (insatisfatória/satisfatória),  $F(1, 48) = 1.57$ ,  $p = .216$  (Fig. 6). Em contrapartida, encontrou-se um efeito principal para a importância ou irrelevância da relação sexual nos dois relacionamentos,  $F(1,48) = 8.27$ ,  $p = .006$ ,  $\eta^2_P = .15$  (Fig. 7). Deste modo, a relação sexual foi percebida como mais relevante entre os relacionamentos comprometidos ( $M=2.50$ ,  $DP=1.92$ ) do que entre os relacionamentos não comprometidos ( $M=3.76$ ,  $DP=2.12$ ).

No Quadro 18 encontram-se as médias e desvios-padrão para a qualidade sexual dos relacionamentos em homens e mulheres.

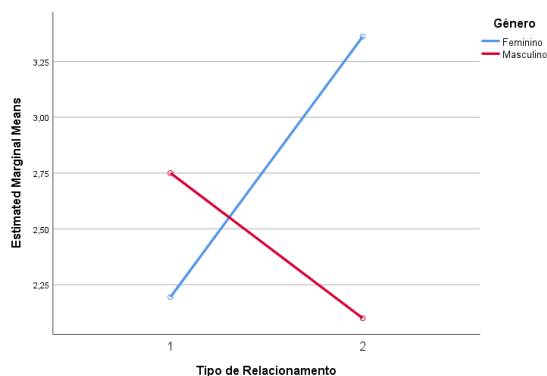


Figura 2. Relação sexual. Muito boa/Muito má.  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

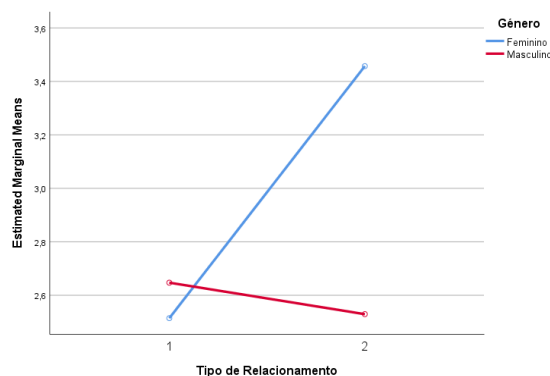


Figura 6. Relação sexual. Muito satisfatória/Muito insatisfatória  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

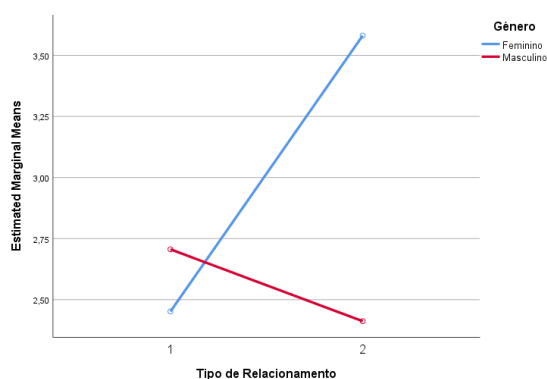


Figura 4 Relação sexual. Muito positiva/Muito negativa  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

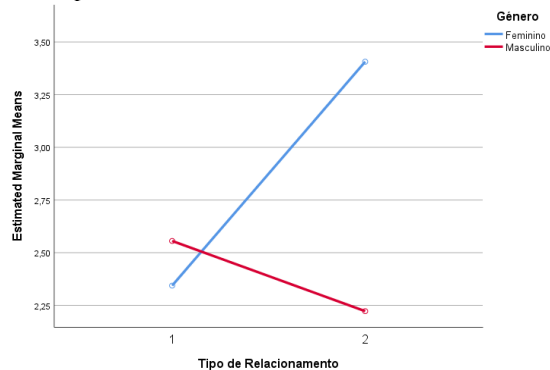


Figura 3. Relação sexual. Muito agradável/Muito desagradável.  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC



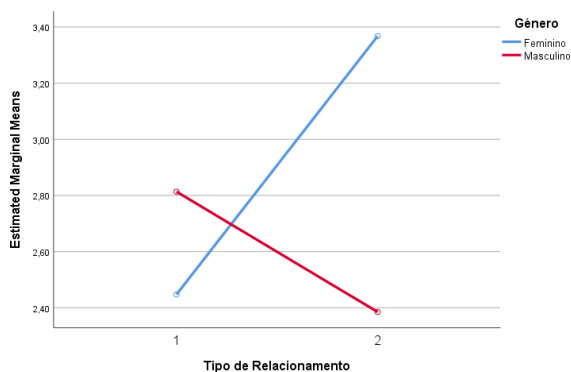


Figura 5. Qualidade total da relação sexual.  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

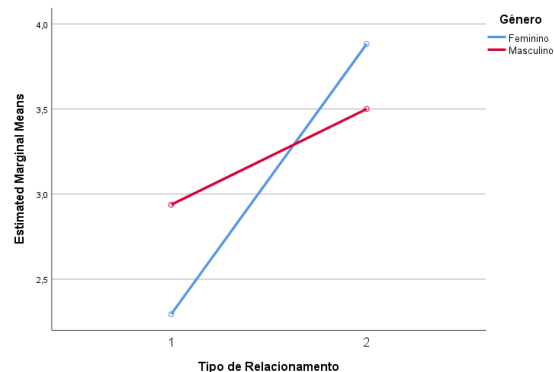


Figura 7. Relação sexual. Muito importante/Muito irrelevante  
Nota. Tipo de relacionamento 1 = RC 2=RNC

## Quadro 18

*Médias e desvios-padrão na qualidade do sexo nos relacionamentos comprometidos e não comprometidos em homens e mulheres*

		M (DP)		
		Homem	Mulher	Total
Muito boa/Muito má	RC	2.47 (1.82)	2.49 (1.72)	2.48 (1.75)
	RNC	2.32 (1.35)	2.92 (1.86)	2.73 (1.73)
Muito agradável/Muito desagradável	RC	2.35 (2.75)	2.38 (1.61)	2.37 (1.65)
	RNC	2.25 (1.26)	2.82 (1.76)	2.64 (1.63)
Muito positiva/Muito negativa	RC	2.45 (1.62)	2.36 (1.56)	2.39 (1.57)
	RNC	2.43 (1.31)	3.12 (1.77)	2.90 (1.66)
Muito satisfatória/Muito insatisfatória	RC	2.56 (1.73)	2.50 (1.66)	2.51 (1.67)
	RNC	2.52 (1.44)	3.14 (1.78)	2.95 (1.70)
Muito importante/Muito irrelevante	RC	2.58 (1.94)	2.36 (1.74)	2.43 (1.80)
	RNC	3.57 (2.11)	3.47 (2.17)	3.50 (2.13)
Total	RC	2.48 (1.74)	2.51 (1.59)	2.49 (1.62)
	RNC	2.53 (1.27)	3.10 (1.77)	2.93 (1.65)

Nota: todas as características da relação foram avaliadas numa escala de 1 a 7, em que valores mais elevados indicaram avaliações mais negativas



## Capítulo IV- Discussão e Conclusão

O presente estudo teve como objetivos caracterizar o comportamento sexual de adultos emergentes, aceder ao autorrelato do uso do preservativo em dois tipos de relacionamentos através de duas formas de pergunta diferentes, para verificação da consistência dos autorrelatos, conhecer o modo como os indivíduos caracterizam as relações em que se envolvem relativamente às qualidades relacionais e sexuais, averiguar o papel do género na relação entre tipos de relacionamento e características relacionais e sexuais, por fim, estudar o papel mediador das características relacionais e sexuais no uso do preservativo.

Os resultados mostram que, pela altura da aplicação do questionário, mais participantes se encontravam em relacionamento comprometido do que não comprometido. A grande maioria dos participantes é sexualmente ativa tendo iniciado a sua vida sexual, em média, aos 17 anos. Relativamente à escolha de métodos contraceptivos, o mais usado é a pílula seguida do preservativo. Este último é mais usado em relacionamentos não comprometidos do que comprometidos nas relações sexuais orais e vaginais, sendo que os homens reportam maior uso do que as mulheres.

Foi possível verificar a consistência dos autorrelatos para os três tipos de relações sexuais (orais, vaginais e anais) em relacionamento comprometido e apenas para as relações vaginais em relacionamento não comprometido. No que diz respeito ao envolvimento em relacionamentos no passado existe um maior relato de relacionamentos comprometidos e três quartos da amostra referem já se ter envolvido em relações sexuais numa única ocasião. Um quinto da amostra refere já ter tido relacionamentos sexuais simultâneos, o que vai ao encontro dos resultados relativamente à monogamia em que a grande maioria considera os seus relacionamentos monogâmicos, sendo que, apenas um terço dos participantes refere a inexistência de monogamia em relacionamento não comprometido. Ainda que com valores acima da média para ambos os relacionamentos, as características relacionais são consideradas mais positivas em relacionamento comprometido. O mesmo acontece para as características sexuais em que, adicionalmente, se verificam diferenças entre género, com os homens a considerarem a relação sexual melhor em relacionamento não comprometido.

Relativamente ao comportamento sexual de adultos emergentes metade dos participantes encontra-se num relacionamento, mais de três quartos em relacionamento comprometido. Esta amostra, no que diz respeito ao momento presente não se enquadra nas tendências observadas para esta faixa etária já que não confirma o adiamento do compromisso relacional descrito na

literatura (Arnett, 2006), ainda que perto de três quartos desta amostra refira já ter estado envolvida num relacionamento não comprometido.

Considerando o início da vida sexual, apenas 24 participantes não tinham tido relações sexuais, situação semelhante ao que foi reportado numa amostra de estudantes universitários portugueses (Cunha-Oliveira et al., 2009), sendo que, a média de idades para o início da vida sexual foi de 17 anos à semelhança da amostra referida.

A utilização de métodos contracetivos foi referida por 74.2% dos participantes sendo a pílula o método mais escolhido, ultrapassando a escolha do preservativo como método predileto. Esta preferência poderá ser devida ao elevado número de relacionamentos comprometidos patente nesta amostra pois, tal como verificado por diversos autores (Manlove et al., 2011; Misovich et al., 1997; Reis et al., 2012), o tipo de relacionamento e a durabilidade do mesmo, bem como a perceção subjetiva de segurança resultante do compromisso (Castañeda, 2000), influenciam a preferência pelo método hormonal. Outra possível explicação para esta preferência poderá ser uma maior preocupação com gravidezes indesejadas do que com o risco de IST, especialmente por parte da população feminina (Mullinax et al., 2016).

Relativamente às taxas de uso do preservativo são muito baixas nas relações sexuais orais comparativamente às relações sexuais vaginais e anais. Ainda assim, o preservativo é mais utilizado em relacionamento não comprometido e são os homens a referir utilizar mais o preservativo. Nas relações sexuais anais praticamente não se verificam diferenças entre relacionamentos comprometidos e não comprometidos, sendo que, à semelhança da amostra do estudo de Catania e colaboradores (1989), muito poucos participantes reportaram este tipo de prática sexual. Verificam-se maiores taxas de uso nas relações vaginais em relacionamentos não comprometidos do que em relacionamentos comprometidos, resultados que replicam os encontrados noutros estudos (Drumright et al, 2004; Fortenberry et al. 2002, Macaluso et al., 2000). No que diz respeito ao uso consistente do preservativo em relacionamentos não comprometidos, apenas dois terços da amostra refere utilizar o preservativo em todas as relações, revelando, no entanto, um uso maior do que os 46.7% referidos pela amostra de adultos de Reece e colaboradores (2010). Esta diferença pode ser explicada tendo em conta que indivíduos mais novos utilizam mais o preservativo do que os mais velhos (Castañeda, 2000; Reece et al., 2010; Reis et al., 2012) e que a média de idades da amostra do presente estudo é de 21.7 anos. Nas relações vaginais em relacionamento não comprometido verifica-se que apenas metade das mulheres utilizam o preservativo consistentemente enquanto que a grande maioria dos participantes masculinos o faz. Este

resultado pode ser explicado por haver uma maior probabilidade por parte dos homens de se perceberem a si próprios como estando em risco, podendo esta percepção ser refletida por estes terem, efetivamente, mais comportamentos de risco. (Castañeda, 2000), o que os faz utilizar mais vezes o preservativo (Drumright et al., 2004; Reece et al., 2010). Esta diferença entre géneros também pode ser explicada pelas percepções que as mulheres podem ter de estar num relacionamento comprometido enquanto os parceiros vêem o mesmo relacionamento como não comprometido. Esta diferença entre géneros também pode ser explicada pelas percepções que as mulheres podem ter de estar num relacionamento comprometido enquanto os parceiros vêem o mesmo relacionamento como não comprometido, decorrente da existência de um duplo padrão na vivência dos relacionamentos casuais, mais penalizadora para as mulheres (Bogle, 2008), o que pode levar a enquadrar as experiências de forma mais normativa.

Por fim, enquanto que nos relacionamentos não comprometidos os participantes referem não usar o preservativo nunca ou usar sempre em relações sexuais vaginais, nos relacionamentos comprometidos, um quinto da amostra refere o uso inconsistente. Isto pode ser explicado pela descontinuação do uso do preservativo em que, devido à duração da relação, os parceiros entram num período de uso esporádico e aleatório antes de deixarem de usar proteção definitivamente (Mullinax et al., 2016).

No que diz respeito à averiguação da consistência dos autorrelatos para o uso do preservativo, através de duas formas de pergunta diferentes, ainda que se verifique a existência da mesma para os três tipos de relação em relacionamento comprometido e para a relação sexual vaginal em relacionamento não comprometido, a correlação não é de 100% o que indica que os indivíduos não respondem da mesma forma a perguntas feitas de maneira diferente. Fortenberry e colaboradores (2002) referem a importância de se avaliar a consistência, pois ao usar escalas ordinais os participantes podem “mascarar” um não uso ocasional, respondendo que utilizam sempre. No presente estudo, tomando como exemplo o uso consistente do preservativo nas relações vaginais, os resultados obtidos através das escalas ordinais não se mostraram mais elevados do que quando averiguados através da proporção de instâncias de sexo protegidas.

Considerando todo o percurso de vida, os participantes reportam mais relacionamentos comprometidos ao invés de não comprometidos. Atendendo aos relacionamentos comprometidos, o número de parceiros com quem já mantiveram este tipo de relacionamento situa-se entre um e cinco, sendo que a maioria teve apenas um@ parceir@ comprometid@. Relativamente aos relacionamentos não comprometidos, o número de parceiros varia entre um e mais de 20, sendo que a maioria também revela ter tido apenas um relacionamento não

comprometido. Com estes resultados pode-se constatar que, apesar de os relacionamentos comprometidos serem os mais frequentes, os relacionamentos não comprometidos têm também tendência a ocorrer nesta faixa etária sendo reportados por dois terços da amostra. Adicionalmente 73.7% já teve comportamentos sexuais (orais, vaginais ou anais) com parceiros com quem esteve numa única ocasião. Como referido na literatura (Hamilton & Armstrong, 2009; Weaver & Herold, 2000; Wentland & Reissing, 2014), o envolvimento em relacionamentos não comprometidos permite aos adultos emergentes concentrarem-se noutras prioridades de vida (e.g., carreira, autonomia financeira, sair de casa dos pais, etc) ao mesmo tempo que exploram a sua sexualidade sem terem as responsabilidades inerentes aos relacionamentos comprometidos. Atualmente existe uma cultura jovem dominante que encoraja os relacionamentos não comprometidos (Garcia et al., 2012; Gebhardt et al., 2003) e, devido à flexibilização das normas sociais relativamente às práticas sexuais nas últimas décadas (Twenge et al., 2015), os adultos emergentes terão liberdade para se envolverem em relacionamentos não comprometidos, podendo sentir uma normalização instalada relativamente a estas práticas.

Em termos de direcionalidade, isto é, mudanças entre tipos de relacionamento (comprometido a não comprometido e vice-versa), constata-se que ainda que dois terços dos participantes (>62.5%) não mude o seu tipo de relacionamento com o mesmo parceiro, algumas vezes os relacionamentos casuais tornam-se relacionamentos comprometidos e vice versa (Armstrong et al., 2010).

Analisando o último ano e o último mês verifica-se um maior reporte de envolvimento sexual em relacionamentos comprometidos do que não comprometidos. A maioria dos participantes quer em relacionamento comprometido como não comprometido refere apenas um parceiro, sendo que, para relacionamentos não comprometidos o número de parceiros para o último varia entre um e oito e para o último mês referem um ou dois parceiros.

Relativamente à simultaneidade, dois quintos da amostra refere já ter tido relações sexuais simultâneas e destes, a maioria, fê-lo uma ou duas vezes, resultados superiores aos encontrados por Reis e colaboradores (2012) em que apenas 7.7% dos participantes reportou ter tido relações sexuais durante um relacionamento amoroso e inferiores aos 32% encontrados por Drumright et al., 2004 numa amostra norte-americana? Esta diferença pode ser devida ao facto de a simultaneidade não ter sido discriminada entre ocorrer em relacionamento comprometido ou não comprometido. Os motivos expostos para este tipo de prática recaem na procura de prazer e no facto de ter ocorrido no início de um relacionamento como na concorrência experimental (Drumright et al., 2004).

Nos relacionamentos comprometidos, a percepção de monogamia, quer emocional quer sexual, é bastante elevada, como reportado no estudo de Swan e Thompson (2015), sendo que as mulheres percebem mais as relações como monogâmicas nestes dois âmbitos do que os homens. Também nos relacionamentos não comprometidos, este grupo apresenta, surpreendentemente, uma percepção de monogamia elevada, especialmente as mulheres, o que pode confirmar o facto de muitos relacionamentos não comprometidos integrarem aspetos mais tradicionalmente associados às relações comprometidas (Claxton e Dulmen, 2013). Apenas 1/3 dos participantes referiu a inexistência de monogamia sexual e emocional, havendo mais homens a relatá-la do que mulheres, talvez por também serem os homens a relatar mais concorrência sexual (Riehm et al., 2006).

No que toca às características da relação, fazendo uma comparação entre relacionamentos comprometidos e não comprometidos sem diferenciação de género, verifica-se que os envolvidos em relacionamentos comprometidos avaliam de um modo mais positivo as características relacionais (e.g., comprometimento, confiança, satisfação global, paixão, revelação de aspetos íntimos) do que os envolvidos em relacionamentos não comprometidos. Segundo Byers (2005) indivíduos com melhor satisfação relacional também reportam melhor satisfação sexual, ligação confirmada pelos resultados da amostra do presente estudo. No que se refere à qualidade da relação sexual os que se encontram em relacionamentos comprometidos reportam valores mais altos do que aqueles em relacionamentos não comprometidos, ainda que para estes últimos os valores também se encontrem acima da média (à exceção da importância da relação sexual que é considerada mais relevante em relacionamentos comprometidos do que não comprometidos). Também Mark e colaboradores (2015) reportam médias para a satisfação sexual e emocional consideravelmente mais baixas em relacionamentos casuais do que comprometidos.

Contudo, quando tomadas em consideração as diferenças entre os géneros, este quadro encontrado na literatura vai ao encontro do reportado pelas mulheres da nossa amostra, mas não pelos homens. Assim, as mulheres revelam maior satisfação sexual do que os homens, quando em situação de relacionamento comprometido, ao passo que os homens manifestam o inverso, uma maior satisfação sexual em relacionamentos não comprometidos. Estes resultados confirmam outros estudos nos quais os homens se sentem mais satisfeitos sexualmente em encontros casuais (Mark et al., 2015) do que as mulheres que, por sua vez, reportam maior número de orgasmos e níveis mais altos de satisfação sexual quando estão numa relação mais longa e de compromisso (Armstrong et al., 2010). De facto, os homens sentem-se mais preocupados em dar prazer às namoradas do que às parceiras casuais

(Armstrong et al., 2010) e o menor prazer sentido no contexto de relacionamentos não comprometidos pelas mulheres pode espelhar isso.

Em síntese, verificou-se um maior número de participantes em relacionamento comprometido do que não comprometido. A grande maioria já tinha iniciado a sua vida sexual, em média, aos 17 anos à semelhança de outros estudos com estudantes universitários portugueses. A pílula foi o método contraceptivo mais escolhido, acima do preservativo, preferência que se pode dever ao elevado número de relacionamentos comprometidos pela percepção subjetiva de segurança que resulta do compromisso ou por poder existir uma maior preocupação com gravidezes indesejadas, que leva à substituição do preservativo pela pílula. À semelhança de outros estudos, as taxas de uso do preservativo são maiores em relacionamentos não comprometidos do que comprometidos, sendo que, os homens, reportam maior uso do que as mulheres. O uso consistente (100% das vezes) é reportado mais vezes do que noutras amostras talvez pela idade média da amostra do presente estudo, pois indivíduos mais novos utilizam mais o preservativo. A diferença entre géneros pode ser explicada pelo facto de os homens se perceberem a si próprios como estando em maior risco e porque as mulheres podem considerar o seu relacionamento comprometido enquanto os homens o consideram não comprometido. Verifica-se a consistência entre os autorrelatos ainda que esta não seja de 100%, o que indica que os indivíduos não respondem da mesma forma a perguntas diferentes, podendo, por vezes, ao responder a escalas ordinais, “mascarar” uma ocasião de não uso esporádico e escolher a opção “sempre”. Relativamente a relacionamentos passados, os participantes reportam mais relacionamentos comprometidos e três quartos da amostra já se envolveu em relações sexuais numa única ocasião. No que diz respeito à simultaneidade e à monogamia emocional e sexual das relações, dois quintos da amostra referiram já ter tido relações simultâneas, a percepção de monogamia é bastante elevada quer em relacionamentos comprometidos (mais para mulheres do que homens) quer em, ainda que um pouco mais baixa, relacionamentos não comprometidos, o que confirma o facto de estes integrarem aspetos tradicionalmente ligados aos relacionamentos comprometidos. Apenas um terço dos participantes referiu a não existência de monogamia em relacionamentos não comprometidos (mais respostas de homens do que de mulheres, talvez por estes relatarem mais concomitância sexual). As características relacionais das relações à semelhança das características sexuais são mais positivas em relacionamento comprometido do que não comprometido. Verificam-se diferenças de género para as características sexuais em que os homens consideram a relação sexual melhor em relacionamento não comprometido o que



pode ser explicado pelo facto de os homens se sentirem mais preocupados em dar prazer às namoradas do que às parceiras casuais.

O presente estudo comporta algumas limitações. Uma delas relacionada com a amostra, a qual poderá constituir uma limitação à interpretação e generalização dos resultados por ser constituída por mais mulheres do que homens, podendo apresentar conclusões enviesadas; é uma amostra bastante homogénea já que a cultura (e.g., religião, orientação sexual) é muito semelhante. Outro aspeto a avisar uma generalização cautelosa dos resultados prende-se com o tipo de amostragem, tratou-se de uma amostra de conveniência constituída por amigos, conhecidos das redes sociais e estudantes, o que limita a aleatoriedade da amostra.

Uma outra limitação prende-se com a média de idades dos participantes ( $M = 21.7$ ) a qual poderá também não ser a mais adequada à avaliação dos temas em causa pois, com o avançar da idade, a tendência para apresentar determinados comportamentos poderá alterar-se (e.g., relacionamentos casuais mais frequentes em idades mais avançadas e maior diversidade de práticas sexuais).

De referir ainda que o tema do estudo poderá causar constrangimento aos participantes, o qual se for desconfortável para os mesmos poderá levar a sonegar informação e a respostas de deseabilidade social (e.g., estereótipos sociais podem diminuir relatos de relacionamentos casuais por parte das mulheres). As questões relativas ao uso do preservativo, à monogamia e à simultaneidade de parceiros poderão ser especialmente suscetíveis à deseabilidade social.

Uma outra limitação refere-se à dificuldade em conseguir participantes suficientes para os dois tempos de recolha de dados necessário à análise do papel mediador das características relacionais e sexuais no uso do preservativo em diferentes relacionamentos. Tal poderá ter ficado a dever-se à falta de incentivos monetários à participação, à extensão do questionário que exige uma grande disponibilidade e esforço cognitivo por parte do participante e, também, à necessidade da recordação de experiências sexuais passadas que, pela não acessibilidade imediata, poderá requerer algum esforço e tempo aos participantes. Esta dificuldade impossibilitou uma importante análise deste estudo, levando a que as complexidades inerentes aos relacionamentos e à utilização do preservativo ficassem por estudar.

Destacamos ainda como limitação na averiguação da consistência dos autorrelatos no uso do preservativo as respostas serem muito próximas no tempo, sendo recomendável que as perguntas sejam feitas com alguma distância temporal entre elas para aumentar a veracidade do relato.

Este estudo contribuiu para a construção de um questionário direcionado para o estudo da história sexual dos participantes, conhecimento dos relacionamentos em que estão e estiveram envolvidos, respectivas características relacionais e sexuais e o uso do preservativo com averiguação de formas de autorrelato diferentes. Terá sido proveitoso para conhecer as características do comportamento sexual dos adultos emergentes e dos relacionamentos em que se envolvem para que as intervenções sejam cada vez mais direcionadas para problemáticas específicas e, deste modo, mais eficazes. Permite ainda tornar o questionário mais claro em investigações futuras em que venha a ser utilizado, nomeadamente para explorar as características presentes em diferentes relacionamentos não comprometidos. Os resultados relativos ao uso do preservativo, mais uma vez vêm mostrar a importância de trabalhar na adolescência, com os que ainda estão na escola e são de mais fácil acesso, para que adquiram e mantenham comportamentos sexuais saudáveis e protegidos.

Em estudos futuros com o questionário desenvolvido deverá incluir-se a região geográfica nos dados sociodemográficos, pois a cultura dominante em determinada região, nomeadamente as visões relativas aos comportamentos sexuais, poderão influenciar os resultados (Castañeda, 2000). Ainda neste sentido, a recolha deve tentar abranger diversas áreas geográficas para que os dados sejam menos uniformes e/ou enviesados.

Devido ao esforço exigido aos participantes para um segundo momento de recolha, estes deveriam ser recompensados para que o aliciamento à participação possa colher os seus frutos sem que os participantes se sintam desmotivados e/ou obrigados.

O uso do preservativo pode ser averiguado de uma forma ainda mais específica, considerando comportamentos sexuais concretos (e.g., sexo oral) articulados com parceiros/número de parceiros o utilizam (e.g., uso de preservativo em relações homossexuais femininas) e com perguntas distanciadas temporalmente para apreciação da consistência dos autorrelatos relativos ao seu uso.

Para que os questionários sejam inteligíveis para os participantes e perfeitamente claros para os investigadores, relativamente ao que se está a avaliar, os termos sexuais utilizados devem estar bem definidos (Alvarez e Nogueira, 2008). Importaria por isso clarificá-los no próprio questionário.

Uma importante análise que deverá ser realizada em estudos futuros será a da relação entre as características relacionais, a qualidade do sexo, e o uso do preservativo, pois mais conclusões acerca destas complexas dinâmicas se poderão retirar através do estudo dos seus mecanismos. Seria ainda de interesse analisar a correlação entre a durabilidade das relações e

o uso do preservativo e, também, correlacionar a simultaneidade e a percepção de monogamia com o uso do preservativo (para os vários parceiros).

Poderia ainda ser de interesse analisar as diversas variáveis deste estudo em diferentes faixas etárias para compreender como a idade influencia os comportamentos sexuais e as dinâmicas de proteção no âmbito dos vários tipos de relacionamentos.

Por último, poderia ainda ser importante a inclusão de uma pergunta sobre a história pessoal de ISTs de modo a estudar o seu papel para as questões centrais deste estudo.



## Referências Bibliográficas

- Alvarez, M. J., & Nogueira, J. (2008). Definições sexuais de estudantes universitários. *Psicologia*, 22, 59-76. doi: 10.17575/rpsicol.v22i1.338
- Armstrong, E., Hamilton, L., & England, P. (2010). Is hooking up bad for young women? *Contexts*, 9, 22-27. doi: 10.1525/ctx.2010.9.3.22
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469–480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 111–123. doi:10.1080/13676260500523671
- Bogle, L. (2008). *Hooking up: Sex, dating, and relationships on campus*. N.Y.: New York University Press.
- Byers, S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal os Sex Research*, 42, 113-118. doi: 10.1080/00224490509552264
- Castañeda, D. (2000). The close relationship context and HIV/AIDS risk reduction among Mexican Americans. *Sex Roles*, 42, 551-580. doi: 10.1023/A:1007095221993
- Catania, J. A., Coates, T. J., Greenblatt, R. M., Dolcini, M. M., Kegeles, S. M., & Puckett, S. (1989). Predictors of condom use and multiple partnered sex among sexually- active adolescent women: Implications for aids-related health interventions. *The Journal os Sex Research*, 26, 514-524. doi: 10.1080/00224498909551532
- Claxton, S. E., & van Dulmen, M. H. M. (2013). Casual sexual relationships and experiences in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 1, 138–150. doi: 10.1177/2167696813487181

- Corbett, A. M., Dickson-Gómez, J., Hilario, H., & Weeks, M. R. (2009). A little thing called love: Condom use in high-risk primary heterosexual relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 41, 218-224. doi: 10.1363/4121809.
- Cunha-Oliveira, A., Cunha-Oliveira, J., Pita, J. R., & Massano-Cardoso, S. (2009). A aquisição do preservativo e o seu (não) uso pelos estudantes universitários. *Revista Referência*, 2(11), 7-22.
- Direcção Geral da Saúde (2018). *Infecção VIH e Sida. Desafios e estratégias 2018*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde.
- Drumright, L. N, Gorbach, P. M., & Holmes, K. K. (2004). Do people really know their sex partners? Concurrency, knowledge of partner behavior, and sexually transmitted infections within partnerships. *Sexually Transmitted Diseases*, 31, 437-442.  
doi: 10.1097/01.OLQ.0000129949.30114.37
- European Centre for Disease Prevention and Control (2018). Chlamydia infection. In ECDC. *Annual epidemiological report for 2016*. Stockholm: ECDC.
- European Centre for Disease Prevention and Control (2016). Gonorrhoea infection. In ECDC. *Annual epidemiological report for 2016*. Stockholm: ECDC.
- European Centre for Disease Prevention and Control (2016). Hepatitis B infection In ECDC. *Annual epidemiological report for 2016*. Stockholm: ECDC.
- Fonner, V. A., Kennedy, C. E., O'Reilly, K. R., Sweat, M. D. (2014). Systematic assessment of condom use measurement in evaluation of HIV prevention interventions: Need for standardization of measures. *AIDS Behavior*, 18, 2374-2386. doi: 10.1007/s10461-013-0655-1
- Fortenberry, J. D., Tu, W., Harezlak, J., Katz, B. P., & Orr, D. P. (2002). Condom use as a function of time in new and established adolescent sexual relationships. *American Journal of Public Health*, 92, 211-213. doi: 10.2105/AJPH.92.2.211

- Fundação Francisco Manuel dos Santos (2018). *Base de dados Portugal contemporâneo*.  
 PORDATA. Disponível em <https://www.pordata.pt/> (acedido a 27 de Setembro de 2018).
- Garcia, J. R., Reiber, C., Massey, S. G., & Merriwether, A. M. (2012). Sexual hookup culture: A review. *Review of General Psychology*, 16, 161-176. doi: 10.1037/a0027911
- Gebhardt, W. A., Kuyper, L. & Greunsven, G. (2003). Need for intimacy in relationships and motives for sex as determinants of adolescent condom use. *Journal of Adolescent Health*, 33, 154-164. doi: 10.1016/S1054-139X(03)00137-X
- Hamilton, L., & Armstrong, E. A. (2009). Gendered sexuality in young adulthood: Double binds and flawed options. *Gender and Society*, 23, 589–616.  
 doi: 10.1177/0891243209345829
- Holmes, K. K., Levine, R., & Weaver, M. (2004). Effectiveness of condoms in preventing sexually transmitted infections. *Bulletin of the World Health Organization*, 82, 454-61.  
 doi: 10.1590/S0042-96862004000600012
- Lipovsek, V., Longfield, K., & Buszin, J. (2010). Can follow-up study questions about correct and consistent condom use reduce respondent over-reporting among groups at high risk? An analysis of datasets from six countries. *Reproductive Health*, 7(9), 1-6.  
 doi:10.1186/1742-4755-7-9
- Macaluso, M., Demand, M. J., Artz, L. M., & Hook, E. W. (2000). Partner type and condom use. *AIDS*, 14, 537-456. doi: 10.1097/00002030-200003310-00009
- Manlove, J., Welti, K., Barry, M., Peterson, K., Schelar, E., & Wildsmith, E. (2011). Relationship characteristics and contraceptive use among young adults. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 43, 119–128. doi: 10.1363/4311911
- Mark, K. P., Garcia, J. R., & Fisher, H. E. (2015). Perceived emotional and sexual satisfaction across sexual relationship contexts: Gender and sexual orientation differences and similarities. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 24, 120-130.

doi: 10.3138/cjhs.242-A8

- Misovich, S. J., Fisher, J. D., & Fisher, W. A. (1997). Close relationships and elevated HIV risk behavior: Evidence and possible underlying psychological processes. *Review of General Psychology, 1*, 72-107. doi: 10.1037/1089-2680.1.1.72
- Mullinax, M., Sanders, S., Dennis, B., Higgins, J., Fortenberry, J. D., & Reece, M. (2016). How condom discontinuation occurs: Interviews with emerging adult women. *Journal of Sex Research, 54*, 642–650. doi: 10.1080/00224499.2016.1143440
- Noar, S. M., Cole, C., & Carlyle K. (2006). Condom use measurement in 56 studies of sexual risk behavior: Review and recommendations. *Archives of Sexual Behavior, 35*, 327-345. doi: 10.1007/s10508-006-9028-4
- OMS (s/d)- HIV/AIDS. Disponível em: <http://www.who.int/hiv/amds/condoms/en/> (acedido a 5 de Setembro de 2018).
- Paul, E. L., McManus, B., & Hayes, A. (2000). “Hookups”: Characteristics and correlates of college students’ spontaneous and anonymous sexual experiences. *Journal of Sex Research, 37*, 76–88. doi: 10.1080/00224490009552023
- Pinkerton, S. D., & Abramson, P. R. (1997). Effectiveness of condoms in preventing HIV transmission. *Social Science & Medicine, 44*, 1303-1312. doi:10.1016/S0277-9536(96)00258-4
- Reece, M., Herbenick, D., Schick, V., Sanders, S. A., Dodge, B., & Fortenberry, J. D. (2010). Condom use rates in a national probability sample of males and females ages 14 to 94 in the united states. *The Journal of Sexual Medicine, 7*, 266-276. doi:10.1111/j.1743-6109.2010.02017.x
- Regan, P. C., & Dreyer, C. S. (1999). Lust? Love? Status? *Journal of Psychology & Human Sexuality, 11*(1), 1-24. doi: 10.1300/J056v11n01\_01
- Reis, M., Ramiro, L., Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2012). Os comportamentos sexuais dos



- universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30, 105-114. doi: 10.1016/j.rpsp.2012.12.001
- Riehman, K. S., Wechsberg, W. M., Francis, S. A., Moore, M., & Morgan-Lopez, A. (2006). Discordance in monogamy beliefs, sexual concurrency, and condom use among young adult substance-involved couples: Implications for risk of sexually transmitted infections. *Sexually Transmitted Diseases*, 33, 677-682. doi: 10.1097/01.olq.0000218882.05426.ef
- Shulman, S., & Connolly, J. (2013). The challenge of romantic relationships in emerging adulthood: Reconceptualization of the field. *Emerging Adulthood*, 1, 27-39.  
doi: 10.1177/2167696812467330
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39, 190-196.  
doi: 10.1080/00224490209552141
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313-335.  
doi: 10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4
- Swan, D. J., & Thompson, S. C. (2015). Monogamy, the protective fallacy: Sexual versus emotional exclusivity and the implication for sexual health risk. *Journal of Sex Research*, 53, 64–73. doi: 10.1080/00224499.2014.1003771
- Twenge, J. M., Sherman, R. A., & Wells, B. E. (2015). Changes in American adults' sexual behavior and attitudes, 1972–2012. *Arch Sex Behav*, 44, 2273-2285.  
doi: 10.1007/s10508-015-0540-2
- Visser, R. (2005). One size fits all? Promoting condom use for sexually transmitted infection prevention among heterosexual young adults. *Health Education Research*, 20, 557-566.  
doi: 10.1093/her/cyh015

- Warner, L., Warner-Clay, J., Boles, J., & Williamson, J. (1998). Assessing condom use practices. Implications for evaluating method and user effectiveness. *Sexually Transmitted Diseases*, 25, 273-277. doi: 10.1097/00007435-199807000-00001
- Weaver, S. J., & Edward, S. H. (2000). Casual sex and women. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 23-41. doi: 10.1300/J056v12n03\_02
- Wentland, J. J., & Reissing, E. D. (2011). Taking casual sex not too casually: Exploring definitions of casual sexual relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 20(1-2), 75-91.
- Wentland, J. J., & Reissing, E. (2014). Casual sexual relationships: Identifying definitions for one night stands, booty calls, fuck buddies, and friends with benefits. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23, 167-177. doi: 10.3138/cjhs.2744

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Questionário “Variedade de Relacionamentos Sexuais e suas Características” (instrumento piloto)**

#### **Consentimento Informado**

Por favor, leia este texto antes de aceitar participar neste estudo. Trata-se de uma investigação da responsabilidade da Prof<sup>a</sup> Doutora Maria João Alvarez da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e aprovada pela sua Comissão de Deontologia.

#### **Apresentação do estudo**

É objectivo deste estudo conhecer e aprofundar os conhecimentos relativos aos relacionamentos afectivo-sexuais em que os indivíduos se envolvem hoje em dia.

**IMPORTANTE:** Para participar no estudo tem de ter **pelo menos 18 anos** de idade e falar a língua portuguesa como língua nativa.

#### **Participação**

Se aceitar participar ser-lhe-á pedido que responda a um questionário anonimamente e ser-lhe-á solicitado o preenchimento do mesmo questionário 1 mês mais tarde, para compreensão dos processos envolvidos.

O segundo questionário poderá ser-lhe enviado por e-mail, caso queira deixar o seu endereço electrónico no fim do questionário.

As perguntas do questionário relacionam-se com alguns aspectos da sua história sexual (ex. idade da 1<sup>a</sup> relação sexual, orientação sexual), características dos relacionamentos e comportamento sexual (ex. número de parceiros, duração dos relacionamentos, comprometimento, uso do preservativo nas relações sexuais).

A sua participação demorará aproximadamente **20 minutos**.

Uma vez iniciada a participação pedimos-lhe que responda até ao fim para que os dados fiquem o mais completos possível.

Contudo, este é um estudo voluntário, se decidir não participar pode parar a qualquer momento. Pode optar por não participar ou não responder a alguma pergunta.

#### **Porque participar?**

Ao participar estará a contribuir para aumentar a compreensão sobre os diversos relacionamentos e suas características em Portugal.

Também poderá tornar-se mais consciente de assuntos relevantes para si em matéria de saúde sexual e relacional.

A sua participação é muito valiosa para a nossa pesquisa e essencial para o avanço do conhecimento nesta área.

### **Anonimato e Confidencialidade**

Ser-lhe-á pedida a criação de um código que só @ participante conhece e que não permite que seja identificad@ para que possamos associar a informação dos dois momentos de recolha de dados por questionário.

As suas respostas serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo e só os investigadores terão acesso aos dados. Não há resposta "certas" ou "erradas", por isso, responda o mais honestamente possível.

### **Contacto para questões que pretenda colocar**

Qualquer questão deve ser dirigida à investigadora responsável através do e-mail [relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt](mailto:relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt).

### **Necessidade de apoio na sequência da participação no estudo**

No final do questionário são disponibilizados sites e um contacto para esclarecimento de dúvidas que possam ter surgido na sequência de ter respondido a um questionário com perguntas de natureza sexual.

### **Informação pós-estudo**

Os resultados serão disponibilizados na página online do Human Sex Lab da FPUL, URL <http://humansexlab.psicologia.ulisboa.pt/>, após tratamento dos mesmos.

### **Consentimento**

Ao rubricar esta folha (de forma que não permita a sua identificação) declara que é maior de idade, leu este formulário de consentimento e considera que lhe foi prestada a informação necessária acerca da natureza e objectivos do estudo.

Li a informação e vi esclarecidas as minhas dúvidas de forma satisfatória. Dou o meu consentimento para participar neste estudo. Vou rubricar esta folha no espaço abaixo de forma a não ser identificad@ com o objectivo de demonstrar que li a informação apresentada.

---

(assinatura que não permita identificação)

Para manter o seu anonimato pedimos-lhe que crie o seu código, para que se possa associar a informação dos dois momentos de recolha de dados por questionário.

Para criar o seu código deve usar:

1. a primeira letra do seu primeiro nome;
2. a primeira letra do seu mês de nascimento;
3. os quatro primeiros algarismos do BI ou cartão de cidadão.

Apresentamos um exemplo de como gerar o código:

Exemplo:

Nome- Maria

Mês de nascimento- Janeiro

BI/CC- 123456789

**O código será:** MJ1234

Por favor escreva agora o seu código:

Primeira letra do seu primeiro nome

Primeira letra do seu mês de nascimento

Os 4 primeiros algarismos do seu BI/CC

Código \_\_\_\_\_

## Dados Sociodemográficos

Idade \_\_\_\_\_

### Género

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro

### Estado Civil

- ☐ Solteir@
- ☐ Casad@
- ☐ União de Facto
- ☐ Separad@
- ☐ Divorciad@
- ☐ Viúv@

### Etnia

- ☐ Caucasiana
- ☐ Africana
- ☐ Asiática
- ☐ Hispânica
- ☐ Outra

**Religião** - Professa alguma religião?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso professe alguma religião, indique qual:

- ☐ Católica
- ☐ Protestante
- ☐ Ortodoxa
- ☐ Judaica
- ☐ Islâmica/Muçulmana
- ☐ Religiões Orientais
- ☐ Outra \_\_\_\_\_
- ☐ Recusa

#### **Habilitações Literárias**

- ☐ Até ao 1º Ciclo/ 4º ano (antigo ensino primário)
- ☐ 2º Ciclo/ 6º ano (antigo ciclo preparatório)
- ☐ 3º ciclo/ 9º ano (antigo curso geral)
- ☐ Secundário/ 12º ano (antigo curso complementar)
- ☐ Até 3 anos de Frequência de Ensino Superior ou Politécnico
- ☐ Curso Superior (4 ou mais anos curriculares)
- ☐ Mestrado (incluindo mestrado integrado)
- ☐ Doutoramento

#### **Orientação Sexual**

- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Heterossexual
- ☐ Pansexual (sexualmente interessado também em transsexuais, intersexuais, andróginos)

## Breve História Sexual

---

1. Tem actualmente algum parceir@?

- ☐ Sim
- ☐ Não

2. Em caso afirmativo, indique se o relacionamento é:

- ☐ Comprometido
- ☐ Não Comprometido
- ☐ Ambos (caso mantenha uma relação com mais do que um(a) parceir@)

3. Já teve relações sexuais? (qualquer tipo de relação, seja oral, vaginal e/ou anal)

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Em caso afirmativo, indique a idade da primeira relação sexual (quer tenha sido com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto)

## Ao longo da sua vida...

---

5. Com quantas pessoas manteve um relacionamento comprometido? (em que se viu a si próprio como fazendo parte de um casal)

6. Com quantas pessoas manteve um relacionamento comprometido que se tornou num relacionamento não comprometido?

7. Com quantas pessoas manteve um relacionamento não comprometido? (sem que houvesse expectativas mútuas de continuação da interacção ou de uma relação comprometida)

7.1. Com quantas destas pessoas teve relações sexuais orais, vaginais e/ou anais em apenas uma ocasião?

8. Com quantas pessoas manteve um relacionamento não comprometido que se tornou num relacionamento comprometido?



9. Com quem teve relações sexuais?

- ☐ Só com homens
- ☐ Maioritariamente com homens
- ☐ Com homens e mulheres
- ☐ Maioritariamente com mulheres
- ☐ Só com mulheres

10. Está a usar actualmente (ou a parceira) algum método contraceptivo?

- ☐ Não
- ☐ Sim
- ☐ Não sei

10.1. Se sim, qual?

- ☐ Retirada
- ☐ Métodos naturais (e.g., temperatura)
- ☐ Pílula
- ☐ Outros contraceptivos hormonais (e.g., implante, anel)
- ☐ DIU
- ☐ Preservativo
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

---

Não é necessário prosseguir o questionário se a sua resposta à pergunta "Já teve relações sexuais?" foi "Não".

Obrigada pela sua colaboração.

---

## Características dos Relacionamentos

---

11. Quantos parceir@s sexuais teve no último ano?

(considera-se parceir@ sexual uma pessoa com quem teve relações sexuais orais, vaginais e/ou anais)

Num relacionamento comprometido \_\_\_\_\_

Num relacionamento não comprometido \_\_\_\_\_

12. Quantos parceir@s sexuais teve no último mês?

(considera-se parceir@ sexual uma pessoa com quem teve relações sexuais orais, vaginais e/ou anais)

Num relacionamento comprometido \_\_\_\_\_

Num relacionamento não comprometido \_\_\_\_\_

13. Quantas vezes na sua vida teve dois ou mais relacionamentos (comprometido e/ou não comprometido) simultâneos, envolvendo ambos relações orais, vaginais e/ou anais)?

\_\_\_\_\_

13.1 Caso se verifique, a simultaneidade de parceir@s deve-se/deveu-se a que tipo de razões?

(pode seleccionar tantas quantas as que considerar relevantes)

- ☐ Ocorreu no início do relacionamento enquanto me envolvia em actividades sexuais com mais de um nov@ parceir@
- ☐ Concordámos ambos em ter outr@s parceir@s
- ☐ Estive fisicamente afastad@ d@ parceir@ (por exemplo, o parceir@ esteve de férias, foi estudar/trabalhar para o estrangeiro, etc.)
- ☐ Ocorreu para compensar insatisfações no relacionamento (por exemplo, sentir-se sexualmente insatisfeit@, sentir-se pouco valorizad@, etc.)
- ☐ Porque considero que deve ser assim
- ☐ Por prazer

## Relacionamento Comprometido

(Responda a este bloco relativamente ao actual parceir@. Se não tiver actualmente um@ parceir@ pense n@ últim@ parceir@ que teve em relacionamento comprometido. Se nunca esteve envolvid@ num relacionamento comprometido passe para a questão 21.)

---

14. Indique o género sexual d@ parceir@

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

15. Qual a duração da sua relação? \_\_\_\_\_

16. Diria que a sua relação com est@ parceir@ é/foi emocionalmente monogâmica (os laços emocionais só estão presentes com ess@ parceir@)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

17. Diria que a sua relação com parceir@ é/foi sexualmente monogâmica (relações sexuais orais, vaginais e/ou anais ocorreram até ao momento só com ess@ parceir@)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

18. Responda, por favor, às seguintes questões que dizem respeito às características gerais do seu relacionamento, utilizando uma escala de 1 a 5, sendo que, 1 é pouco e 5 é muito.

	1	2	3	4	5
Quão comprometid@ se sente/sentia com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão confia/confiava n@ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Qual a satisfação global com o relacionamento?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão apaixonad@ está/estava pel@ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão revela/revelava aspectos íntimos sobre si ao/à parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão relaxad@ se sente/sentia com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quanto partilha/partilhava os seus objectivos pessoais com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quanta comunicação aberta e honesta tem/tinha com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão satisfeít@ está/estava com a frequência das relações sexuais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Quão frequentemente tem/tinha habitualmente sexo com @ parceir@?

- ☐ Nunca ou uma vez ao longo de alguns meses
- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Duas ou três vezes por mês
- ☐ Uma ou duas vezes por semana
- ☐ Três a quatro vezes por semana
- ☐ Cinco ou mais vezes por semana
- ☐ Mais do que uma vez por dia

20. Na globalidade como descreve/descreveria a sua relação sexual com @ companheir@?

	1	2	3	4	5	6	7	
Muito boa								Muito má
Muito agradável								Muito desagradável
Muito positiva								Muito negativa
Muito satisfatória								Muito insatisfatória
Muito importante								Muito irrelevante

## Relacionamento Não Comprometido

(Responda a este bloco relativamente ao actual parceir@ . Se não tiver actualmente um@ parceir@ pense n@ últim@ parceir@ que teve em relacionamento não comprometido. Se nunca esteve envolvid@ num relacionamento não comprometido passe para a questão 28.)

---

21. Indique o género sexual d@ parceir@

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

22. Diria que a sua relação com est@ parceir@ é/foi emocionalmente monogâmica (os laços emocionais só estão presentes com ess@ parceir@)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

23. Diria que a sua relação com est@ parceir@ é/foi sexualmente monogâmica (relações sexuais orais, vaginais e/ou anais ocorreram até ao momento só com ess@ parceir@)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

24. Qual a duração da relação? (Indique mais do que um período de tempo se houver mais do que um relacionamento casual a ocorrer actualmente)

Assinale, também, o relacionamento casual que escolhe para responder à pergunta seguinte (nº 25).

- ☐ Duração \_\_\_\_\_
- ☐ Duração \_\_\_\_\_
- ☐ Duração \_\_\_\_\_

25. Responda, por favor, às seguintes questões que dizem respeito às características gerais do seu relacionamento, utilizando uma escala de 1 a 5, sendo que, 1 é pouco e 5 é muito.

	1	2	3	4	5
Quão comprometid@ se sente/sentia com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão confia/confiava n@ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Qual a satisfação global com o relacionamento?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão apaixonad@ está/estava pel@ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quão revela/revelava aspectos íntimos sobre si ao/à parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão relaxad@ se sente/sentia com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quanto partilha/partilhava os seus objectivos pessoais com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quanta comunicação aberta e honesta tem/tinha com @ parceir@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quão satisfeit@ está/estava com a frequência das relações sexuais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. Quão frequentemente tem/tinha habitualmente sexo com @ parceir@?

- ☐ Nunca ou uma vez ao longo de alguns meses
- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Duas ou três vezes por mês
- ☐ Uma ou duas vezes por semana
- ☐ Três a quatro vezes por semana
- ☐ Cinco ou mais vezes por semana
- ☐ Mais do que uma vez por dia

27. Na globalidade como descreve/descreveria a sua relação sexual com @ companheir@?

	1	2	3	4	5	6	7	
Muito boa								Muito má
Muito agradável								Muito desagradável
Muito positiva								Muito negativa
Muito satisfatória								Muito insatisfatória
Muito importante								Muito irrelevante

No último encontro sexual que teve num relacionamento comprometido  
(Caso nunca tenha estado num relacionamento comprometido passe para a questão nº 32)

---

28. Indique o género d@ parceir@

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

29. Usou protecção sexual em relações orais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações orais

30. Usou preservativo em relações sexuais vaginais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações vaginais

30.1. Em caso afirmativo, o preservativo foi utilizado desde o início até ao fim das relações vaginais?

- ☐ Sim
- ☐ Não

31. Usou preservativo em relações sexuais anais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações anais

31.1. Em caso afirmativo, sexo anal foi:

- ☐ Insertivo
- ☐ Receptivo
- ☐ Ambos

31.2. Em caso afirmativo, preservativo foi utilizado desde o início até ao fim das relações anais?

- ☐ Sim
- ☐ Não

No último encontro sexual que teve num relacionamento não comprometido

(Caso nunca tenha estado num relacionamento não comprometido passe para a questão nº 36)

---

32. Indique o género d@ parceir@

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

33. Usou protecção sexual em relações orais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações orais

34. Usou preservativo em relações sexuais vaginais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações vaginais

34.1. Em caso afirmativo, o preservativo foi utilizado desde o início até ao fim das relações vaginais?

- ☐ Sim
- ☐ Não

35. Usou preservativo em relações sexuais anais?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tive relações anais

35.1 Em caso afirmativo, o sexo anal foi:

- ☐ Insertivo
- ☐ Receptivo
- ☐ Ambos

35.2. Em caso afirmativo, o preservativo foi utilizado desde o início até ao fim das relações anais?

- ☐ Sim
- ☐ Não



No último mês com parceir@ num relacionamento comprometido  
(Caso não tenha estado no último mês num relacionamento comprometido passe para a  
questão nº 39. Responda às seguintes questões recorrendo a um número aproximado caso  
não recorde o número exacto)

---

36. Qual o número de relações sexuais orais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

36.1. Quantas destas relações ocorreram sem protecção?

\_\_\_\_\_

37. Qual o número de relações sexuais vaginais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

37.1. Em caso afirmativo, quantas destas relações ocorreram sem preservativo?

\_\_\_\_\_

38. Qual o número de relações sexuais anais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

38.1. Em caso afirmativo, quantas destas relações ocorreram sem preservativo?

\_\_\_\_\_

38.2. Em caso afirmativo, refira se o sexo anal foi:

- ☐ Insertivo
- ☐ Receptivo
- ☐ Ambos

No último mês com parceir@ num relacionamento não comprometido (Caso não tenha estado no último mês num relacionamento não comprometido passe para a questão nº 42. Responda às seguintes questões recorrendo a um número aproximado caso não recorde o número exacto)

---

39. Qual o número de relações sexuais orais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

39.1. Em caso afirmativo, quantas destas relações ocorreram sem protecção?

\_\_\_\_\_

40. Qual o número de relações sexuais vaginais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

40.1. Em caso afirmativo, quantas destas relações ocorreram sem preservativo?

\_\_\_\_\_

41. Qual o número de relações sexuais anais que teve no último mês?

\_\_\_\_\_

41.1. Em caso afirmativo, quantas destas relações ocorreram sem preservativo?

\_\_\_\_\_

41.2. Em caso afirmativo, refira se o sexo anal foi:

- ☐ Insertivo
- ☐ Receptivo
- ☐ Ambos

No último mês com parceir@ num relacionamento comprometido  
(Caso não tenha estado no último mês num relacionamento comprometido passe esta  
questão)

---

42. Quantas vezes usou preservativo nas:

	<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Não tive</b>
Relações sexuais orais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relações sexuais vaginais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relações sexuais anais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

No último mês com parceir@ num relacionamento não comprometido  
(Caso não tenha estado no último mês num relacionamento não comprometido passe esta questão)

---

43. Quantas vezes usou preservativo nas:

	<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Não tive</b>
Relações sexuais orais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relações sexuais vaginais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relações sexuais anais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

44. Realizou algum teste para despistagem de Infecções Sexualmente Transmissíveis?

- ☐ Não
- ☐ No último mês
- ☐ Nos últimos seis meses

45. Utilize por favor a escala seguinte para se caracterizar socialmente.

Escala: (1) definitivamente falso, (2) maioritariamente falso, (3) não sei, (4) maioritariamente verdadeiro, (5) definitivamente verdadeiro

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Sou sempre cordial mesmo quando as pessoas são desagradáveis.					
Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém.					
Por vezes tento vingar-me em vez de perdoar ou esquecer.					
Por vezes sinto-me ressentid@ quando não consigo as coisas à minha maneira.					
Não interessa com quem estou a falar, sou sempre um/uma bom/boa ouvinte.					

Observações:

---

---

---

---

---

---

---

Para a continuação do estudo ser-lhe-á solicitado o preenchimento de um segundo questionário online daqui a um mês. Desse modo, deixe o seu endereço de e-mail junto da investigadora, num documento à parte, para que não possa ser associado ao questionário que acabou de preencher.

Caso necessite de algum esclarecimento ou fazer alguma pergunta, envie um e-mail para [relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt](mailto:relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt)

Sugerimos alguns links onde encontra informação sobre comportamento e saúde sexuais:

<http://www.apf.pt/>

<http://www.gatportugal.org/>

<http://www.pnvihsida.dgs.pt/>

Agradecemos imenso a sua colaboração.